

Guia de Recursos para a Proteção de Florestas Tropicais

para Comunidades Religiosas



INICIATIVA
INTER-RELIGIOSA PELAS
FLORESTAS TROPICAIS

TABELA DE CONTEÚDOS

Prefácio	3
Introdução	5
Capítulo 1: Entendendo as Causas e Consequências do Desmatamento	7
Florestas Tropicais e Mudanças Climáticas	7
Florestas Tropicais e Desenvolvimento Sustentável	10
Florestas Tropicais e Biodiversidade	13
Tendências e Impulsionadores da Perda de Florestas	17
Povos Indígenas e Comunidades Florestais	19
Esforços Internacionais para Combater o Desmatamento	21
Capítulo 2: O Imperativo Espiritual de Florestais e Seus Povos: Perspectivas de Dez Tradições Religiosas	23
Uma Perspectiva Bahá'í	23
Uma Perspectiva Budista	25
Uma Perspectiva Cristã	27
Uma Perspectiva Confucionista	29
Uma Perspectiva Daoista	32
Uma Perspectiva Hindu	33
Uma Perspectiva Islâmica	35
Uma Perspectiva Judia	37
Uma Perspectiva Xintoísta	39
Uma Perspectiva Sikh	40
Capítulo 3: Como as Comunidades Religiosas Podem Se Engajar	42
O Papel Dos Crentes Religiosos	42
Escolhas Pessoais	42
Engajamento da Comunidade Religiosa	44
Ação Econômica	45
Educação	48
Ação Política	50
Colaboração Multirreligiosa	53



PREFÁCIO

Existe um imperativo moral e espiritual em todas as religiões para proteger a Terra e cuidar da criação. A responsabilidade de proteger a natureza e nosso planeta é tão antiga quanto nossa própria fé, codificada e capturada em nossos textos sagrados e tradições espirituais. Agora, mais do que nunca, à medida que os impactos da negligência ambiental nos levam a um ponto de inflexão global, devemos trazer à tona essa responsabilidade moral compartilhada.

Em nenhum lugar isso é mais urgente do que no esforço para deter a destruição das florestas tropicais do nosso planeta. Essa deve ser uma hora de consciência e convicção para os líderes espirituais e comunidades de fé em todo o mundo, pois enfrentamos perdas sem precedentes desses magníficos ecossistemas. Apesar de uma chamada internacional para frear o desmatamento, continuamos destruindo uma área de florestas tropicais do tamanho da Áustria a cada ano. Essa perda incansável de florestas mina a redução da pobreza e o desenvolvimento sustentável, acelera as mudanças climáticas, promove a extinção de espécies e, como a crise da COVID-19 revelou, aumenta muito o risco de pandemias globais.

Como membros da Iniciativa Inter-Religiosa pelas Floresta Tropicais, acreditamos que essa destruição é uma questão de justiça moral, espiritual e social. Nossa fé nos obriga a incorporar o cuidado ecológico em nossas práticas religiosas em prol do planeta e a trazer nossa influência e alcance para a defesa da natureza e de seus povos mais vulneráveis. A Iniciativa Inter-Religiosa pelas Floresta Tropicais é uma aliança internacional que fornece uma plataforma para as comunidades religiosas trabalharem em conjunto com povos indígenas, governos, ONGs e empresas para informar e inspirar nossas congregações a atuarem em prol da proteção das florestas tropicais e dos direitos daqueles que servem como seus guardiões.

Este *Guia de Recursos* oferece às comunidades religiosas e de fé informações sobre a atual crise de desmatamento, perspectivas espirituais sobre o papel vital das florestas tropicais na ecologia biológica e espiritual do mundo e sugestões de ações que pessoas e instituições de fé podem adotar para enfrentar a crise global de desmatamento.

Atingir a velocidade e a escala das mudanças necessárias para deter e reverter o desmatamento exigirá uma mudança em nossos valores e em nosso relacionamento com a natureza. Acreditamos que as comunidades religiosas podem modelar essa mudança. Os ensinamentos morais de todas as grandes religiões são ensinamentos sobre cuidado, responsabilidade, compaixão, conscientização e respeito—precisamente o conjunto de valores essenciais para proteger e sustentar as florestas tropicais e promover o desenvolvimento sustentável de forma mais ampla.

Proteger nossas florestas tropicais remanescentes é uma questão que precisa urgentemente dos recursos espirituais e da influência incomparável dos líderes religiosos e das comunidades religiosas do mundo. A janela de ação é pequena e agora é a hora de afirmar que as florestas tropicais são um aspecto vital da sacralidade da natureza e mobilizar o apoio mais amplo possível para sua proteção.

Essa afirmação é ainda mais poderosa quando a família coletiva de religiões a proclama com uma só voz, afirmando um conjunto compartilhado de valores sobre o cuidado ambiental. A Iniciativa Inter-Religiosa para Florestas Tropicais está comprometida em ampliar esse chamado compartilhado de cuidado, na crença de que ações para proteger, restaurar e manejar as florestas tropicais de forma sustentável produzirão benefícios que vão muito além da borda da floresta, catalisando desenvolvimento sustentável, segurança alimentar e de saúde, igualdade, paz e direitos humanos de forma mais ampla.



Norwegian Ministry
of Climate and Environment



NICFI
Norway's
International Climate
and Forest Initiative



Regnskogfondet
RAINFOREST FOUNDATION NORWAY

Religions for Peace



World Council
of Churches



YALE FORUM ON
RELIGION AND ECOLOGY

INTRODUÇÃO

As florestas tropicais sustentam toda a vida em nosso planeta. São um presente insubstituível, exibindo a natureza em sua beleza mais vibrante e requintada. Elas fornecem alimentos, abrigo, meios de subsistência, remédios e água limpa a milhões de pessoas. Elas nos protegem de doenças e abrigam uma biodiversidade única e insubstituível. Elas também são a solução climática mais promissora e econômica, pois as árvores removem o carbono nocivo da atmosfera e o armazenam em seus troncos e galhos de forma mais barata e segura do que qualquer outra tecnologia conhecida. Essas mesmas florestas abrigam povos indígenas e comunidades florestais cujos conhecimentos, culturas e idiomas únicos evoluíram ao lado das florestas e que serviram como guardiões por gerações.

Infelizmente, estamos perdendo florestas tropicais em um ritmo perigoso, colocando esses tesouros biológicos e culturais gravemente em risco. A cada ano, uma área de florestas tropicais do tamanho da Áustria é destruída, apesar do compromisso global de acabar com esse padrão de destruição. Incêndios, indústrias extrativas e especialmente a conversão de terras florestais em agricultura—tanto para commodities globais como carne bovina, soja, óleo de palma e polpa, quanto para agricultura em pequena escala—são as causas imediatas desse desmatamento contínuo.

Essas forças destrutivas são exacerbadas pela corrupção, governança fraca, uso ineficiente da terra e padrões insustentáveis de consumo. A perda de floresta tropical nessa escala erode a contribuição indispensável destas florestas para o desenvolvimento sustentável e o esforço internacional para combater as mudanças climáticas. Também aumenta muito o risco de pandemias, à medida que humanos e animais selvagens se misturam nos fragmentos florestais que permanecem, permitindo que doenças como COVID-19 e SARS passem de populações animais para humanos.

À medida que os impactos de gerações de negligência ambiental são sentidos cada vez mais diretamente pelas sociedades de todo o mundo, a proteção ambiental está sendo cada vez mais entendida como uma questão de justiça moral, espiritual e social. Em resposta, líderes religiosos de todas as religiões estão pedindo aos crentes que incorporem o respeito ecológico e o cuidado da natureza em sua prática religiosa. Embora o impacto desse ativismo liderado pela fé tenha sido proeminente nas esferas da justiça social e das mudanças climáticas, ele tem sido menos visível no contexto específico da proteção das florestas tropicais.

Este *Guia de Recursos para a Proteção de Florestas Tropicais para Comunidades Religiosas* tem como objetivo inspirar líderes religiosos e comunidades religiosas a assumir a causa das florestas tropicais e equipar essas comunidades com as informações e ferramentas necessárias para servir como apoiadores eficazes para essa causa. O objetivo é complementar os outros materiais educacionais disponíveis pela Iniciativa Inter-Religiosa para Florestas Tropicais, incluindo cartilhas, fichas técnicas dos países e kits de ferramentas de fé disponíveis em <https://www.interfaithrainforest.org/>.

O **Capítulo 1** do Guia de Recursos fornece informações básicas factuais sobre florestas tropicais: o valor que elas fornecem em termos de desenvolvimento sustentável, mitigação das mudanças climáticas, regulamentação de doenças e biodiversidade; fatores determinantes e tendências do desmatamento; e a liderança e os desafios enfrentados pelos povos indígenas que vivem em harmonia com essas florestas há gerações e, em muitos casos, atuam como uma última linha de defesa na proteção desses preciosos recursos.

O **Capítulo 2** do Guia de Recursos apresenta perspectivas de 10 tradições religiosas diferentes sobre o imperativo de proteger as florestas tropicais. Essas peças de autoria individual identificam a base espiritual para avaliar e proteger as florestas tropicais no contexto dos princípios religiosos de cada fé, incluindo os princípios de justiça ambiental e social e sua conexão com mudanças climáticas e os direitos dos povos indígenas.

O **Capítulo 3** do Guia de recursos identifica uma variedade de maneiras pelas quais as comunidades religiosas podem se envolver na proteção das florestas tropicais. Ele descreve alguns dos pontos de entrada para os líderes e praticantes religiosos se envolverem com a proteção da floresta de maneira prática.

A conjuntura internacional para proteger as florestas tropicais está crescendo e uma ampla coalizão de governos, empresas, povos indígenas, cientistas, ONGs e parceiros da sociedade civil estão trabalhando para frear o desmatamento em todo o mundo. Mas a velocidade e a escala da mudança necessária são tais que os esforços atuais não abordarão adequadamente a destruição das florestas tropicais. É necessária uma ação urgente para aprimorar os esforços atuais, trazendo a dimensão moral, ética e espiritual da humanidade para esta questão.

Nossa esperança é que este Guia de Recursos inspire e ajude a equipar líderes e comunidades religiosas a se sentarem à mesa ao lado da parceria mais ampla de defensores das florestas, trazendo nova sabedoria, insights e influência para esta questão urgente.



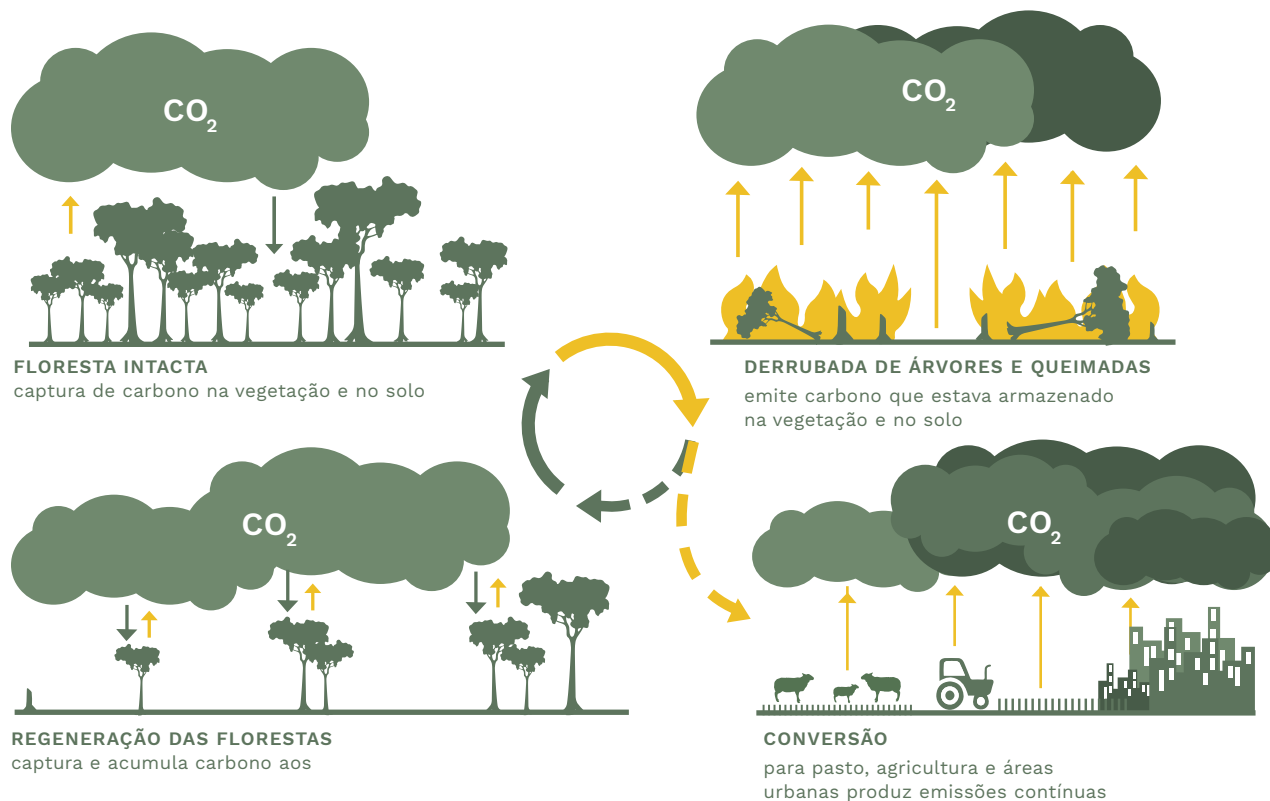
CAPÍTULO 1

ENTENDENDO AS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO DESMATAMENTO

FLORESTAS TROPICAIS E MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Gases de efeito estufa, como dióxido de carbono e metano, que ocorrem naturalmente na atmosfera da Terra, retêm o calor do sol e aquecem a Terra a uma temperatura que permite à Terra sustentar a vida. No entanto, à medida que mais e mais gases de efeito estufa são produzidos por atividades humanas, como a queima de combustíveis fósseis, esse efeito natural é amplificado e a temperatura da Terra aumenta. Esse aumento da temperatura causado pelo homem altera os padrões climáticos em todo o mundo e, portanto, é chamado de mudanças climáticas. Os impactos da mudança climática atingiram especialmente os países em desenvolvimento e as comunidades pobres e marginalizadas.

CAPTURA NATURAL DE CO₂ PELAS FLORESTAS; O DESMATAMENTO EMITE CO₂



Fonte: Center for Global Development.

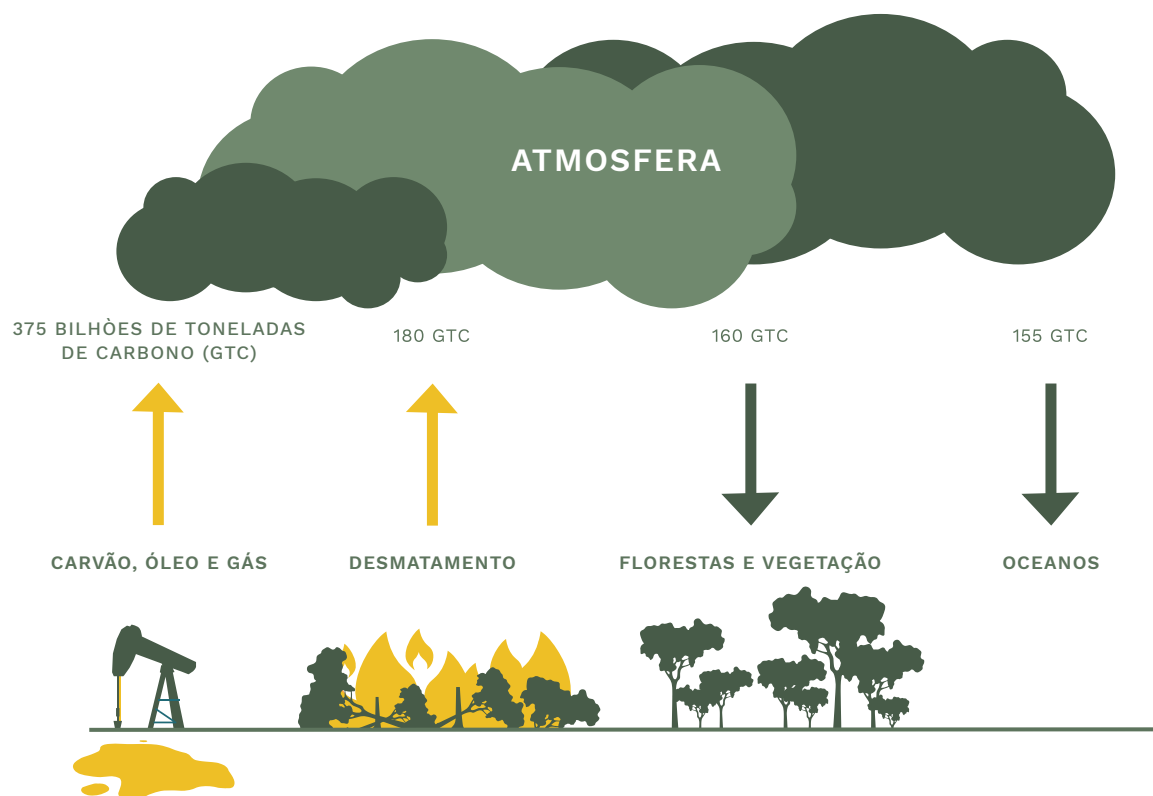
Embora o papel dos combustíveis fósseis no agravamento das mudanças climáticas seja geralmente bem conhecido, o papel que as florestas - em particular as florestas tropicais— desempenham na regulação de nosso clima é menos conhecido. Menos da metade do dióxido de carbono emitido pela queima de combustíveis fósseis realmente se acumula na atmosfera.

Pouco mais de um quarto desse carbono entra nos oceanos, onde se dissolve na água do mar, aumenta a acidez do oceano e interfere na vida marinha da qual bilhões de pessoas dependem para a alimentação. O quarto restante das emissões de carbono que não entram na atmosfera ou no oceano é absorvido pelas florestas e outras vegetações, através do processo natural de fotossíntese, no qual árvores e plantas retiram o carbono da atmosfera e o armazenam em seus troncos, galhos e folhas. Diferentemente da atmosfera ou dos oceanos, as florestas são um bom destino para o excesso de carbono. De fato, eles funcionam como um sistema seguro e natural de captura e armazenamento de carbono.

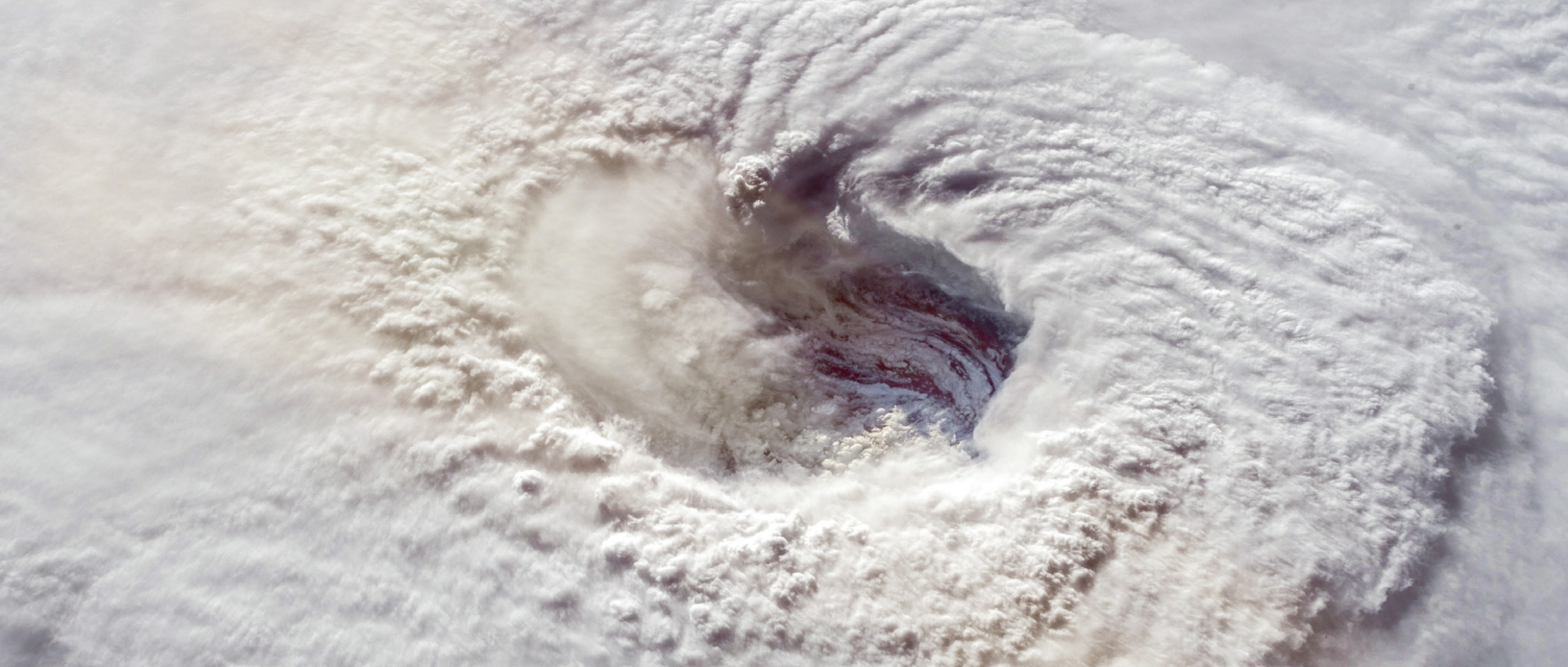
Quando as florestas são queimadas ou derrubadas para serem transformadas em terras de cultivo ou pastagens, o dióxido de carbono na atmosfera sobe por três caminhos diferentes: i) quando as florestas são derrubadas, elas param de absorver carbono da atmosfera e uma importante “sumidouro” de carbono é perdida; ii) o estoque maciço de carbono que se acumulou ao longo de décadas ou séculos em árvores e solo da floresta é rapidamente liberado de volta na atmosfera; e iii) os usos da terra que substituem as florestas após o desmatamento, como cultivo, pastoreio e mineração, tendem a emitir grandes quantidades de gases de efeito estufa.

Todos os anos, o mundo perde uma área de florestas tropicais do tamanho da Áustria, emitindo enormes quantidades de carbono. As estimativas da quantidade de emissões liberadas anualmente do desmatamento tropical variam entre quase igualar as emissões da China (na extremidade alta) a

*DESDE 1750, O DESMATAMENTO FOI RESPONSÁVEL POR UM TERCEIRO DE EMISSÕES;
AS FLORESTAS FORAM RESPONSÁVEIS POR METADE DA FIXAÇÃO NATURAL*



Fonte: Ciais et al. 2013



igualar as emissões da Índia (na extremidade inferior). A estimativa mediana é de cerca de cinco bilhões de toneladas de dióxido de carbono a cada ano—superior às emissões de toda a União Europeia.

O desmatamento e degradação de florestas tropicais contribuem com cerca de 16 a 19% das emissões globais de gases de efeito estufa, ou 8% quando o crescimento das florestas é contabilizado. No entanto, frear e reverter o desmatamento e a degradação de florestas tropicais têm o potencial de reduzir as emissões globais de gases de efeito estufa em até 30%. Isso ocorre porque a interrupção e a reversão do desmatamento não apenas evitam as emissões de gases de efeito estufa causadas quando as florestas são queimadas ou desmatadas, mas também resultam em absorção adicional de carbono à medida que as florestas tropicais começam a rebrotar.

Todo cenário climático futuro examinado pelos cientistas climáticos mostra que não basta apenas reduzir nossas emissões se quisermos cumprir nossas metas climáticas globais e evitar mudanças climáticas catastróficas. Também precisaremos remover o carbono que já está na atmosfera. Atualmente, as florestas são o único mecanismo seguro e natural disponível que pode fazer isso em larga escala. Simplificando, se queremos ter alguma chance de evitar mudanças climáticas catastróficas, o desmatamento deve parar.

Embora saibamos que o desmatamento tropical precisa ser interrompido e revertido para evitar mudanças climáticas catastróficas, imagens de satélite mostram que a perda de florestas tropicais está ocorrendo hoje em um ritmo anual acelerado. Sem uma ação urgente, em 2050 o mundo perderá uma área de florestas tropicais do tamanho da Índia. Quanto mais esperamos antes de reverter as tendências atuais do desmatamento, mais a capacidade das florestas restantes para servir como um sistema natural de captura e armazenamento de carbono é prejudicada. E, à medida que a mudança climática progride, até as florestas intactas serão danificadas por secas e incêndios mais frequentes e severos. Tais danos podem fazer com que as florestas deixem de ser uma grande parte da solução e sejam uma parte maior do problema. A janela da oportunidade está se fechando.



FLORESTAS TROPICAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

As florestas tropicais fornecem uma infinidade de serviços para a humanidade além de regular nosso clima. Nos trópicos, as florestas intactas fornecem serviços às pessoas na forma de água, energia, agricultura, saúde e proteção contra desastres naturais. O mito de que as florestas são uma perda necessária para o desenvolvimento econômico e a segurança alimentar é notavelmente persistente; quando, de fato, a conversão de florestas em outros usos da terra elimina oportunidades de geração de renda, ameaça setores importantes da economia e prejudica o desenvolvimento sustentável.

As florestas protegem bacias hidrográficas que são uma fonte de água potável para os cidadãos das principais cidades nos trópicos. As plantas florestais são usadas em centenas de medicamentos naturais. E os pássaros e morcegos da floresta na Indonésia fornecem controle natural gratuito de pragas aos produtores de cacau nas proximidades, aumentando sua produção em quase 50%. Por outro lado, o desmatamento coloca vidas em risco. O desmatamento na Amazônia está associado a picos locais de malária. Litorais do sul da Ásia que tiveram suas florestas de mangue dizimadas estão mais expostos à força total de tempestades e tsunamis. E todos os anos, centenas de milhares de pessoas no sudeste da Ásia e em outros lugares morrem prematuramente por respirar fumaça e neblina de incêndios florestais. As florestas tropicais contribuem para a consecução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas relacionados à agricultura (Objetivo 2), saúde (Objetivo 3), água potável e saneamento (Objetivo 6), energia (Objetivo 7), segurança contra desastres (Objetivo 11) e resiliência aos impactos das mudanças climáticas (Objetivo 13), além da conservação dos ecossistemas terrestres e da biodiversidade (Objetivo 15).

Ao impedir a sedimentação e filtrar os poluentes, as florestas ajudam a manter o abastecimento de água limpa. Ao manter os padrões climáticos locais e regionais, elas também ajudam a garantir que o suprimento de água seja estável e confiável. Cidades tão diversas como Bogotá, Harare, Nova York, Quito e Cingapura reservaram áreas protegidas em bacias hidrográficas de terras altas

FLORESTAS INTACTAS



DESMATAMENTO

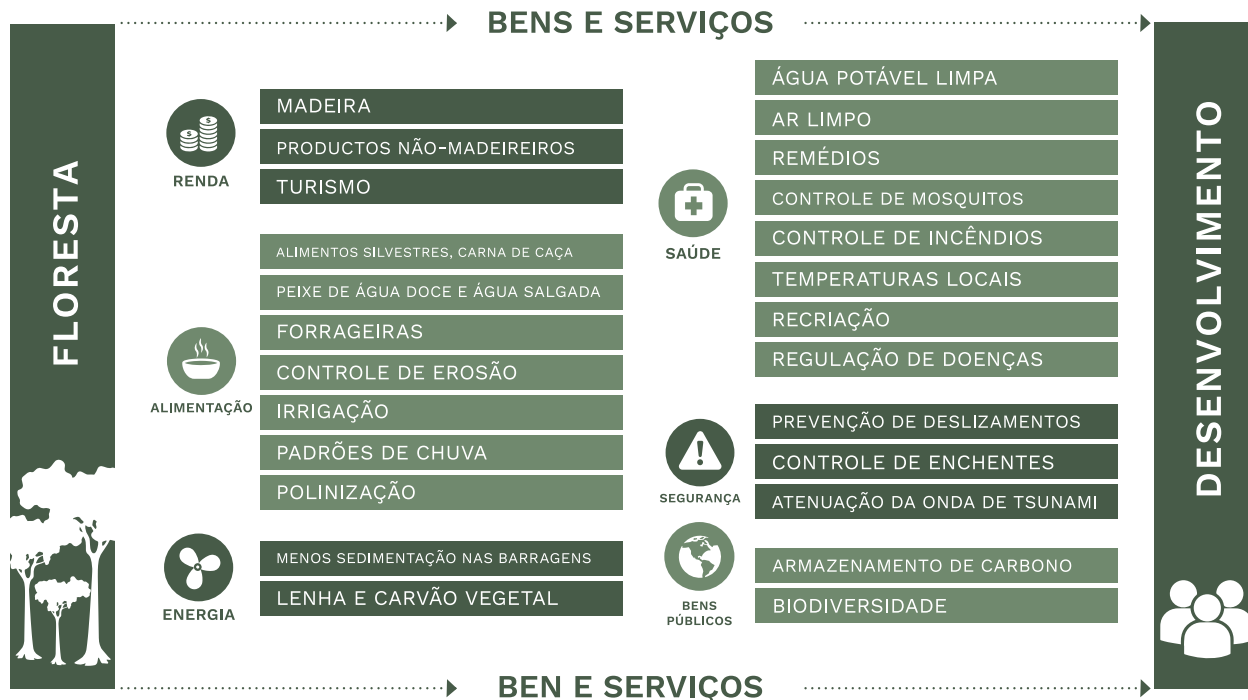


Fonte: Center for Global Development

para preservar a qualidade de seus suprimentos de água. De fato, cerca de um terço das cem maiores cidades do mundo obtém uma parte significativa de sua água potável em áreas protegidas. A dependência das pessoas em relação à água vai muito além de saciar a sede. Cada quilo de alimento é cultivado com água, seja de chuva, água superficial, água subterrânea ou irrigação. A água é essencial para cozinhar e limpar, nutrir e sanear. É fundamental para a saúde e fornece uma importante fonte de eletricidade.

Longe de ser um fator inconveniente que atrapalha o pasto ou a terra cultivada, as florestas tropicais contribuem de forma substancial e amplamente não reconhecida à produção agrícola e à segurança alimentar. Além de fornecer água limpa para irrigação e influenciar os padrões climáticos que tornam a terra adequada para a agricultura, elas fornecem habitat para as abelhas, pássaros e morcegos que polinizam as culturas e controlam as pragas nas terras agrícolas. Além disso, eles fornecem diretamente uma cornucópia de plantas e animais comestíveis, que são uma importante fonte de nutrientes e fornecem uma rede de segurança para as comunidades florestais quando o rendimento das culturas é baixo. Os alimentos florestais representam quase um terço da renda familiar de quem vive dentro e ao redor das florestas, derivada de produtos florestais, perdendo apenas para a renda obtida com combustíveis de madeira. A cobertura florestal também contribui para a saúde da pesca de água doce que nutre milhões.

Além de sua contribuição na dieta, as florestas tropicais fazem importantes contribuições à saúde como fonte de milhares de medicamentos, das variedades farmacêuticas tradicionais e modernas. Por outro lado, o desmatamento está associado ao aumento da transmissão de muitas doenças da vida silvestre para o ser humano, uma vez que as interações homem-animal aumentam em áreas de perda e fragmentação da floresta.



Fonte: Center for Global Development

Estima-se que as doenças que saltam de animais para seres humanos - conhecidas como doenças zoonóticas—sejam responsáveis por 60% de todas as doenças infecciosas e cerca de 75% das novas doenças infecciosas emergentes. Isso inclui uma série de doenças que impactaram significativamente a saúde global, incluindo COVID-19, SARS, Ebola, zika, malária, dengue, vírus do Nilo Ocidental e HIV-AIDS. De fato, a crise da COVID-19 e o potencial para futuras pandemias estão intimamente ligados ao desmatamento tropical, perda de habitat e declínio do ecossistema.

O desmatamento também está associado ao aumento da poluição do ar e seus efeitos negativos à saúde. A fumaça dos incêndios florestais associados ao desmatamento libera metais pesados, agentes cancerígenos, partículas ultrafinas e compostos produtores de ozônio, entre outras substâncias nocivas. A poluição do ar causada por incêndios florestais é responsável por centenas de milhares de mortes prematuras todos os anos e resulta em aumento de doenças cardiorrespiratórias.

As florestas são uma infraestrutura verde protetora que pode evitar danos causados por pequenos desastres e diminuir os impactos de outros maiores, incluindo deslizamentos de terra, inundações, tempestades e ondas de tsunamis. Elas limitam deslizamentos de terra protegendo o solo do impacto prejudicial de fortes chuvas e ancorando o solo, atuando como um freio. Elas atenuam as inundações bombeando a água para o ar através da evapotranspiração e para o solo através dos sistemas radiculares, portanto, menos escorre como caudal superficial. Os manguezais e as florestas costeiras reduzem o impacto das ondas das marés de pico, tempestades e até mesmo ondas extremas provocadas pelo vento dos ciclones tropicais, ajudando a dissipar a energia das marés e das ondas e capturando sedimentos para aumentar a elevação costeira.

Nas próximas décadas, as mudanças climáticas trarão temperaturas mais altas, maior estresse na produção de água e de culturas, tempestades maiores, derretimento de geleiras e elevação do mar. Neste futuro, muitos dos serviços prestados pelas florestas tropicais se tornarão ainda mais importantes. Conservar e restaurar florestas é um tipo de “adaptação baseada no ecossistema”—um componente importante do pacote de medidas que as pessoas devem adotar para se adaptar aos efeitos das mudanças climáticas.

FLORESTAS TROPICAIS E BIODIVERSIDADE

As florestas tropicais são extraordinariamente ricas em biodiversidade em todos os níveis: dos genes, através da grande variedade de espécies de animais e plantas, aos muitos tipos diferentes de ecossistemas florestais. De fato, as florestas são alguns dos habitats mais biodiversos encontrados na Terra, abrigando mais da metade das espécies do mundo. Somente alguns deles foram nomeados e catalogados; expedições para áreas inexploradas da floresta tropical quase sempre revelam espécies não descritas—plantas e animais que são “novos para a ciência”, mas não novos para esses ecossistemas milenares.

Por que tanta diversidade? Diferentes teorias abundam, mas o clima quente e úmido das florestas tropicais (fornecendo bastante energia e comida) e sua longa história como centros de evolução certamente são fatores que contribuem. A riqueza excepcional da vida florestal tropical compreende árvores, trepadeiras, subarbustos e plantas herbáceas, muitos invertebrados (por exemplo, besouros, borboletas e mariposas, libélulas, aranhas) e, claro, a fauna de vertebrados: pássaros, anfíbios, répteis, mamíferos e marsupiais. Os vertebrados incluem alguns dos animais mais emblemáticos da floresta, como a sucuri, o calau bicórnio e o macaco-fidalgo. Mas a biodiversidade oculta das florestas tropicais não deve ser ignorada: existem incontáveis microrganismos (fungos, bactérias e algas para citar três grupos) na serapilheira e no solo. A biodiversidade certamente está em toda parte.



Pode haver mais espécies de árvores em meio quilômetro quadrado de floresta tropical intocada do que em toda a Europa e América do Norte juntas. Essa variedade de vida das árvores cria uma infinidade de nichos adequados aos diferentes animais e plantas: fontes de alimento, estruturas de movimento e apoio (inclusive para videiras e plantas, como algumas orquídeas, que crescem nos galhos das árvores), lugares para se esconder, descansar, procriar e criar a prole. A complexidade da floresta é um fator de diversificação de toda a fauna e flora. Até a desordem representada por galhos e folhas diversifica a fauna local de morcegos, cada um com suas diferentes envergaduras e estratégias de forrageamento. As árvores e outras plantas também moldam o clima local, ou “microclima”, de muitas maneiras diferentes, favorecendo novamente as necessidades particulares de espécies dentro e abaixo do dossel.

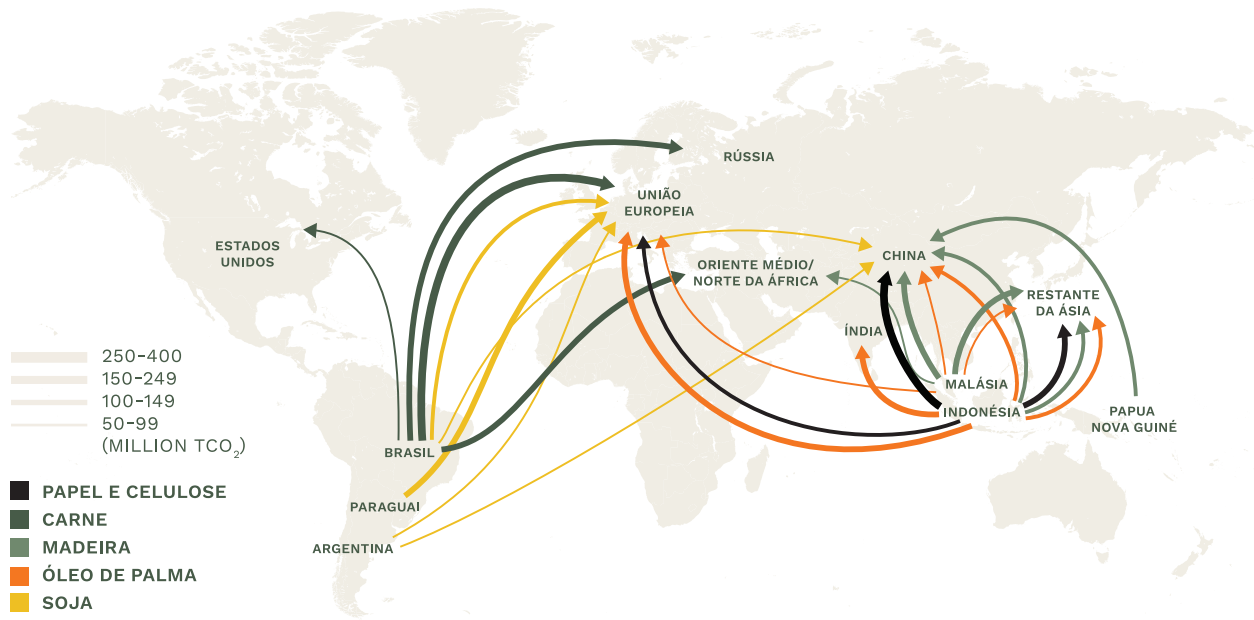
Se as florestas são importantes para a biodiversidade, a biodiversidade também é importante para a saúde e vitalidade da floresta e, portanto, o bem-estar das pessoas dependentes da floresta e de toda a sociedade.

Os animais que habitam as florestas fornecem funções que são vitais para manter as florestas produtivas. Eles ajudam a manter e regular os principais processos associados à regeneração e armazenamento de carbono, por exemplo, dispersão de sementes, polinização e enriquecimento dos solos orgânicos. Grandes predadores controlam a abundância de presas que comem plantas, regulando assim o nível de navegação ou pastagem e mantendo a quantidade de matéria vegetal na floresta. Os animais grandes que comem frutas das florestas são importantes para o armazenamento de carbono nas florestas, porque dispersam as grandes sementes de árvores densas em carbono. A caça excessiva desses animais causa o que foi denominado “síndrome da floresta vazia”: florestas que parecem intactas, mas que foram esvaziadas de animais grandes e, com eles, muitos dos processos ecológicos subjacentes que mantêm as florestas e suas funções, como armazenamento de carbono.

A perda de plantas e animais da floresta tropical nos tira esse rico recurso da vida que fornece às pessoas alimentos ricos em nutrientes, madeira para construções e móveis e medicamentos. A biodiversidade garante que haja uma redundância natural de papéis: se uma espécie é perdida, há outra para substituir. À medida que a biodiversidade diminui, o mesmo ocorre com a resiliência das



AS EMISSÕES DO DESMATAMENTO SÃO INCORPORADAS EM COMMODITIES GLOBAIS



EMISSÕES DE CO₂ INCORPORADAS NOS COMMODITIES VÊNDIDOS PELOS CONTINENTES PARA PAÍSES PRODUTORES SELECIONADOS, 2000-2009

A FIGURA NÃO RETRATA O GRANDE FLUXO DE EMISSÕES INCORPORADAS NA SOJA EXPORTADA DO PARAGUAI E BOLÍVIA PARA O RESTO DA AMÉRICA LATINA, NEM O PEQUENO FLUXO INCORPORADO NA SOJA EXPORTADA DO PARAGUAI PARA O RESTO DO MUNDO E A CARNE EXPORTADA DO BRASIL PARA O RESTO DA AMÉRICA LATINA. "RÚSSIA" INCLUI OUTROS PAÍSES QUE FAZIAM PARTE DA ANTIGA UNIÃO SOVIÉTICA.

Fonte: Persson et al. 2014

florestas e de seus povos, resultando em muitos efeitos imprevistos. Por exemplo, os cientistas descobriram uma ligação clara entre a perda de biodiversidade e o aumento de surtos de doenças, à medida que o equilíbrio entre patógenos e hospedeiros de doenças no ecossistema florestal muda.

Algumas pessoas tentam colocar um preço nessa erosão do “capital natural” e nos “serviços ecossistêmicos” que ele fornece. Por exemplo, a biodiversidade florestal tem um valor econômico mensurável para o turismo: um gorila da montanha pode gerar indiretamente US\$ 3,2 milhões ao longo da sua vida.² Esse é geralmente o tipo de linguagem e pensamento que pode ressoar de maneira poderosa com governos e empresas.

No entanto, a biodiversidade é mais do que apenas uma importância funcional. Além de seus “valores de uso” visíveis, a biodiversidade tem um valor intrínseco. De fato, a maior parte da biodiversidade pode ser vista sob essa luz e apreciada por seus valores inerentes à beleza e complexidade. É importante por si só como uma expressão única dos notáveis processos da biologia evolutiva. Nesse contexto, inspira encanto e admiração e, para alguns, evoca reverência por um Criador.

Esse valor intrínseco desafia a medição ou mesmo a descrição, mas é inerentemente entendido e reconhecido, especialmente nas espiritualidades dos povos indígenas e nos sistemas de fé das religiões globais. As comunidades religiosas podem ajudar a expressar porque é tão importante para

2 <https://www.wwf.org.uk/wildlife/mountain-gorillas>

DESMATAMENTO E PANDEMIAS

O desmatamento de florestas tropicais e a destruição de habitats da vida silvestre criam as condições para o surgimento de novas doenças às quais os humanos têm pouca resistência e que podem se tornar a base para pandemias. A invasão humana nas florestas tropicais está levando a interações animal-humano que não existiam anteriormente, permitindo que os patógenos encontrados antes apenas em animais pulem para hospedeiros humanos.

O desmatamento prejudica serviços ecossistêmicos, como a regulação de doenças, leva à fragmentação florestal e gera perda de biodiversidade—tudo associado a um maior risco de transmissão de doenças. O comércio global de animais silvestres—a maioria ilegal—também está levando as pessoas a entrar em contato com organismos portadores de doenças de forma crescente e direta.

A COVID-19, como Ebola, SARS, gripe aviária e outras epidemias recentes, é uma doença infecciosa originária de animais. A pandemia da COVID-19 e o potencial para futuras pandemias estão intimamente ligados ao desmatamento tropical, perda de habitat e declínio do ecossistema, e às muitas maneiras como a humanidade está gerenciando mal a natureza.

Os povos indígenas e as comunidades florestais são particularmente vulneráveis a doenças externas, como a COVID-19, que podem ser introduzidas por madeireiros ilegais, garimpeiros e outros que invadam suas terras. Infelizmente, o risco para os povos indígenas dessas fontes aumentou acentuadamente desde o início da pandemia da COVID-19. Por exemplo, operações ilegais de mineração e extração de madeira na floresta amazônica se expandiram na ausência de resistência ativa devido ao surto de COVID-19, com o desmatamento na região aumentando mais de 50% durante os quatro meses de 2020 em comparação com o anterior ano. Somente em abril, quando as medidas de isolamento da COVID-19 entraram em vigor na região amazônica, o desmatamento aumentou 64% em relação a abril de 2019. Isso reflete a fraqueza das medidas de fiscalização em muitos focos de desmatamento em todo o mundo.

Frear o desmatamento tropical, conservar a biodiversidade e regulamentar melhor o comércio da vida silvestre são medidas necessárias para reduzir o risco de doenças e futuras pandemias.

Exemplos de Doenças Infecciosas Transmitidas de Animais para Humanos

COVID-19

Ebola

Doença de Lyme

SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave)

MERS (Síndrome Respiratória de Oriente Médio)

Dengue

Malária

Gripe Aviária

Vírus do Nilo

HIV-AIDS

Zika

Gripe Suína

Febre do Vale Rift

Raiva

cuidar e preservar a biodiversidade florestal; suas experiências e vozes precisam ser ouvidas. Não menos importante que o movimento mais amplo e amplamente secular de conservação em todo o mundo, que às vezes pode ter dificuldade em expressar a motivação por trás de sua missão e se conectar a públicos com os quais a linguagem dos serviços ecossistêmicos não consegue ressonar.

A perda direta de florestas é claramente uma ameaça para a biodiversidade. No entanto, existem outras ameaças a essas plantas e animais também. A fragmentação do que resta da floresta compromete a dispersão dos organismos, a troca genética e a viabilidade geral da população. A extração excessiva de plantas e animais da floresta é comum, como a colheita ilegal de pau rosa em Madagascar ou a caça furtiva de pangolins nas florestas congolenses. A disseminação de espécies invasoras causada por seres humanos nas florestas desloca a flora e a fauna nativas. A poluição dos cursos de água põe em perigo a vida, enquanto a poluição da atmosfera por gases de efeito estufa impulsiona o que pode acabar sendo a ameaça mais grave à biodiversidade florestal de todas: as mudanças climáticas. Já temos evidências dos efeitos insidiosos das mudanças climáticas nas florestas—um desafio ao qual animais, árvores e outras plantas estão lutando para se adaptar a tempo.

TENDÊNCIAS E IMPULSIONADORES DA PERDA DE FLORESTAS

Uma resposta lógica às mudanças climáticas e à perda de biodiversidade seria preservar e restaurar as florestas em grande escala. Em vez disso, continuamos fazendo o oposto. Todos os anos, de 2000 a 2014, o mundo derrubava florestas de áreas que totalizam o tamanho do estado de Dakota do Norte, das quais metade, uma área do tamanho do estado de Maine, estava nos trópicos, com altos índices de carbono. Se as tendências atuais persistirem pelos próximos 35 anos, uma área de floresta tropical do tamanho da Índia será perdida até 2050.

Além do desmatamento total, as florestas do mundo também sofrem com a degradação florestal, onde as florestas permanecem em pé, mas são esgotadas pela extração de madeira, extração de lenha, incêndios e pastagens, que desgastam os estoques de carbono mais rapidamente do que podem recuperar naturalmente. Além de causar emissões climáticas, a degradação florestal pode ser um precursor do desmatamento definitivo.

Pouco mais da metade do desmatamento de florestas tropicais entre 2001 e 2012 ocorreu na América Latina. Quase um terço ocorreu na Ásia e pouco menos de um quinto ocorreu na África. Devido aos seus solos de turfa densos em carbono, mais emissões do desmatamento vieram da Ásia do que de qualquer outro continente.

A análise da perda florestal revela uma gama complexa de fatores que variam de acordo com a região. Uma geração atrás, a sabedoria convencional apoiava a visão de que as pessoas pobres eram os principais agentes do desmatamento. Nos últimos trinta anos, no entanto, nossa compreensão das causas da perda de florestas mudou e nossa capacidade de atribuir o desmatamento a várias causas diretas e indiretas melhorou. Nos países tropicais, especialmente naqueles com as maiores taxas de perda de florestas, sabe-se agora que uma grande parcela do desmatamento é causada pela agricultura comercial em larga escala, respondendo à demanda por commodities comercializadas globalmente como carne bovina, soja, óleo de palma e papel e

celulose. Mas outros fatores, como a exploração ilegal de madeira e a conversão de florestas em agricultura de subsistência em pequena escala, ainda são significativos.

Na América Latina, cerca de metade do desmatamento é impulsionada pela agricultura comercial, especialmente a produção de carne e soja. A expansão de pastagens para produção de carne bovina tem sido a principal causa de desmatamento na floresta amazônica e na região do Chaco, no Paraguai, enquanto a liberação de novas áreas para plantar soja tem sido a principal causa de desmatamento na região do Chaco, na Argentina, e um importante contribuinte para o desmatamento na região do Cerrado no Brasil. A agricultura de subsistência é responsável por cerca de um terço do desmatamento na América Latina, enquanto a mineração, o desenvolvimento da infraestrutura e a expansão urbana são responsáveis pelo restante.

No Sudeste Asiático, onde a extração madeireira e a derrubada para o plantio de árvores como borracha, café e cacau, contribuíram para o desmatamento. A mudança no uso da terra até recentemente foi dominada pela conversão de florestas em plantações para celulose de rápido crescimento em escala comercial para alimentar indústria de papel e plantações de dendezeiros, particularmente na Indonésia. No entanto, à medida que as mudanças nas políticas começam a restringir a conversão de florestas primárias em plantações comerciais, a conversão para agricultura de subsistência cresceu em importância, respondendo por um quarto da perda de florestas na Indonésia entre 2014 e 2016.

Comparado com o desmatamento em outros continentes, o da África é menos impulsionado pelas culturas de exportação e mais pela agricultura em pequena escala de culturas básicas e pecuária. Na Bacia do Congo, onde as taxas de desmatamento permanecem relativamente baixas, atualmente a perda de florestas é causada por uma mistura de atividades localizadas em pequena escala, incluindo agricultura, coleta de lenha e carvão vegetal e extração informal de madeira; mas o desenvolvimento de plantações em grande escala paira no horizonte.

No total, metade das emissões do desmatamento tropical e da conversão de turfa de 2001 a 2012 veio de apenas dois países—Indonésia e Brasil. Os sete seguintes combinados (Malásia, República Democrática do Congo, Bolívia, Colômbia, Peru, México e Camboja) foram responsáveis por outros 27%.

Apenas quatro commodities (carne, soja, óleo de palma e produtos madeireiros) em oito países foram responsáveis por um terço de todo o desmatamento tropical de 2000 a 2009. Essa concentração de emissões torna tentador concentrar esforços de política e financiamento em alguns países e cadeias de suprimentos. Mas a ampla participação de muitos países tropicais nos esforços de conservação florestal é importante para evitar o “vazamento” das atividades de desmatamento de uma floresta para outra. À medida que a Indonésia toma medidas para o cultivo de dendezeiros sem derrubar novas florestas, por exemplo, são necessários esforços para garantir que a expansão do dendezeiro não se desloque simplesmente para florestas de outros países.

Monitorando a Perda de Florestas

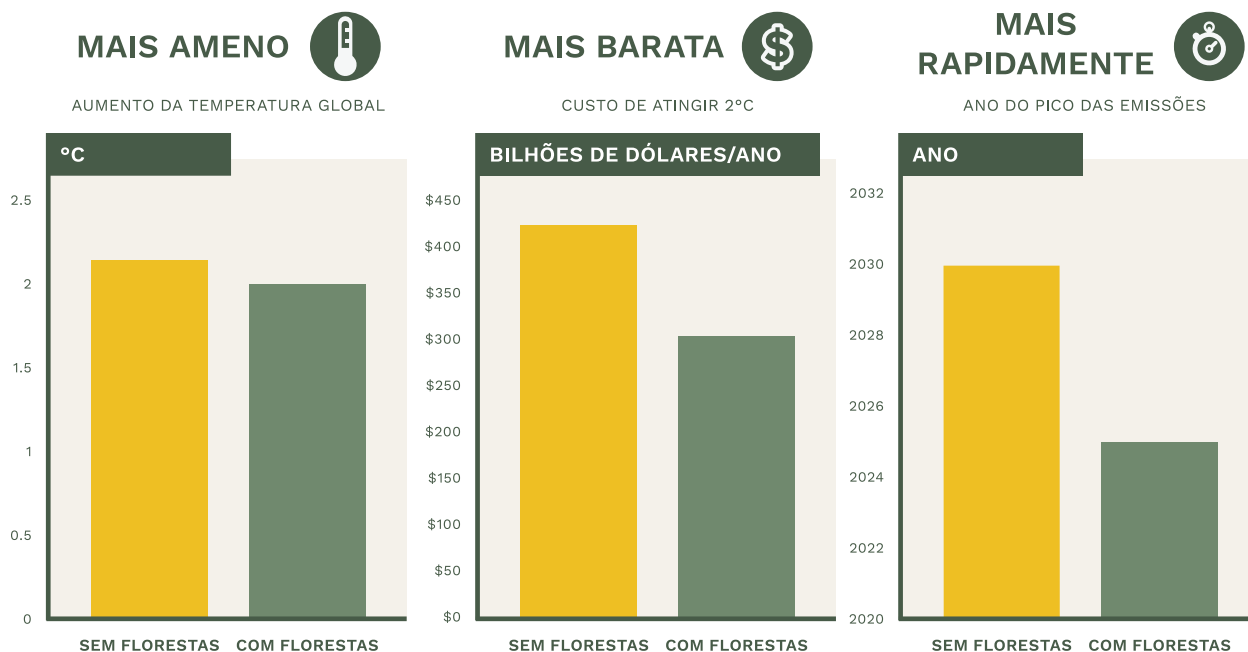
A última década foi palco de grandes avanços nas tecnologias usadas para rastrear o desmatamento. Melhorias na resolução espacial de dados de sensoriamento remoto e imagens de satélite permitem a medição precisa das taxas de desmatamento, fatores desencadeantes do

desmatamento e emissões evitadas pela redução do desmatamento, quase em tempo real. As melhorias na tecnologia de drones permitiram aos gestores florestais—incluindo povos indígenas e comunidades florestais—monitorar suas florestas e detectar e documentar atividades ilegais com muito mais eficiência do que antes. E o aumento da acessibilidade de drones, câmeras e tecnologias móveis está inaugurando uma nova era de monitoramento florestal de origem coletiva. Juntos, esses avanços estão aumentando a transparência das informações relacionadas à floresta e a tomada de decisões e lançando luz sobre as ameaças de desmatamento e os pontos críticos que antes não eram detectados.

POVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES FLORESTAIS

A conexão espiritual da humanidade com a Terra, a natureza e as florestas é comemorada e refletida nas crenças e ensinamentos essenciais de muitas religiões. Mas talvez nenhum tenha sido tão intimamente moldado pelos ecossistemas florestais quanto as culturas e espiritualidades dos povos indígenas e comunidades florestais, cujas culturas e práticas evoluíram em uma interação íntima com florestas tropicais, e para quem essas florestas são o fundamento de suas vidas espirituais, tradições, histórias e modos de vida. Dado o quão intimamente entrelaçadas culturas indígenas, sistemas de crenças e meios de subsistência estão com os ecossistemas florestais e as vastas reservas de conhecimento local e tradicional que os povos indígenas mantêm, não deve surpreender saber que essas comunidades são os gestores mais eficazes das florestas tropicais, papel que desempenham há gerações e cuja eficácia é confirmada por estudos científicos.

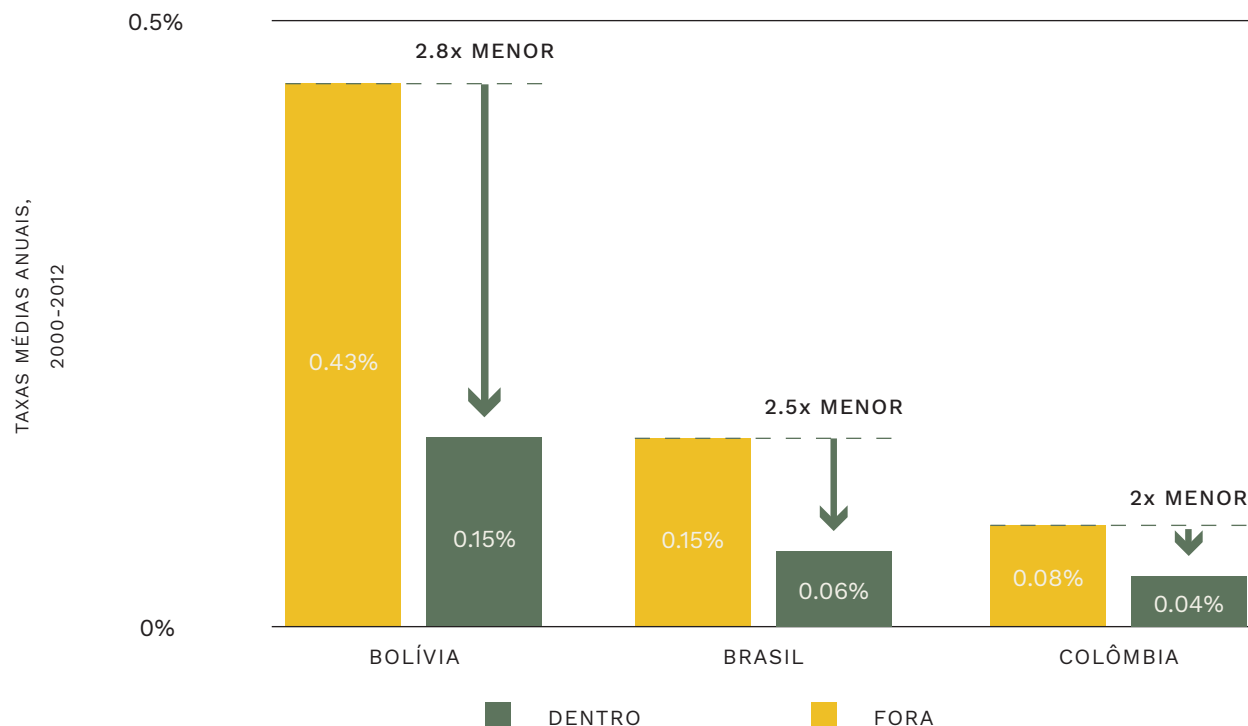
REDUZINDO O DESMATAMENTO TROPICAL, UM CLIMA MAIS AMENO PODE SER ALCANÇADO DE FORMA MAIS BARATA E MAIS RAPIDAMENTE



“COM FLORESTAS” REFERE-SE À REDUÇÃO DE EMISSÕES PELA PERDA BRUTA DE COBERTURA FLORESTAL TROPICAL E DA CONVERSÃO DE TURFAS; NÃO INCLUI REDUÇÃO DE EMISSÕES DEVIDO A DEGRADAÇÃO FLORESTAL OU CRESCIMENTO FLORESTAL

Fonte: Center for Global Development

AS TAXAS DE DESMATAMENTO DENTRO DE TERRAS INDÍGENAS LEGALMENTE RECONHECIDAS SÃO 2 A 3 VEZES MENORES DO QUE EM ÁREAS SIMILARES QUE NÃO ESTÃO REGISTRADAS PARA OS INDÍGENAS



Fonte: World Resources Institute. 2016. Why Invest In Indigenous Lands? <https://www.wri.org/resources/data-visualizations/why-invest-indigenous-land>.

Os povos indígenas contribuem de forma globalmente significativa para prevenir o desmatamento e mitigar as mudanças climáticas, prevenindo a perda e a degradação das florestas nas terras que eles usam e manejam. Na Amazônia brasileira, por exemplo, descobriu-se que as florestas comunitárias indígenas armazenam 36% mais carbono do que outras florestas, como resultado de práticas de manejo indígena e esforços de conservação. Entre 2000 e 2012, as emissões do desmatamento na Amazônia brasileira foram 27 vezes maiores fora das terras indígenas do que dentro delas. Apesar de constituir apenas cerca de 5% da população mundial, os povos indígenas protegem quase 80% da biodiversidade mundial, pois seus territórios e terras tendem a coincidir com áreas de alta biodiversidade, e as terras que gerenciam abrigam quase um quarto do carbono armazenado em florestas tropicais e subtropicais.

Ao conservar e gerenciar de maneira sustentável suas terras, os povos indígenas prestam um serviço inestimável a toda a humanidade, salvaguardando o clima e outros benefícios ambientais dos quais todos dependemos. Infelizmente, porém, esse serviço é prestado com grande esforço e custo pessoal aos povos indígenas.

Embora os povos indígenas e as comunidades locais usem e mantenham historicamente mais de 60% das terras e florestas do mundo, os governos reconhecem apenas seus direitos sobre uma fração dessa área—cerca de 25% das terras do mundo. O reconhecimento e a proteção inadequados dos direitos dos povos indígenas põem em risco as florestas e muitas vezes levam a conflitos e desmatamento. De fato, estudos científicos mostram que onde os direitos indígenas

e comunitários sobre florestas estão assegurados, há uma maior redução no desmatamento do que em outros regimes de manejo. Garantir direitos florestais e posse da terra para comunidades indígenas e locais é uma solução climática eficaz—e uma das opções menos caras.

Uma variedade de instrumentos internacionais, como a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas e a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, concedem aos povos indígenas o direito de possuir, usar e controlar suas terras e recursos naturais, bem como o direito a liberdade, prioridade e prioridade. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que permite “dar ou recusar o consentimento a um projeto que possa afetá-los ou a seus territórios”. Porém, mesmo quando os direitos à terra são concedidos aos povos indígenas, eles são frequentemente violados e não fiscalizados, deixando os povos indígenas e suas terras vulneráveis a incursões por interesses externos, incluindo extração e mineração ilegais, projetos de infraestrutura e expansão agrícola.

Reconhecendo os muitos paralelos entre as teologias e princípios das principais religiões do mundo e as espiritualidades e culturas dos povos indígenas, quando se trata de honrar e respeitar o mundo natural, líderes religiosos e pessoas de fé podem usar sua influência para ajudar a chamar a atenção do mundo para os desafios que os povos indígenas enfrentam. Ao mesmo tempo, eles podem ampliar os apelos dos povos indígenas para que seus direitos sejam reconhecidos e respeitados e permanecer ao lado deles como aliados quando enfrentam ameaças e violência para proteger o dom precioso da criação.

ESFORÇOS INTERNACIONAIS PARA COMBATER O DESMATAMENTO

À medida que as florestas tropicais passaram a ser reconhecidas como uma parte essencial das soluções para as crises globais de mudanças climáticas e perda de biodiversidade, os países e parceiros das florestas tropicais, incluindo governos doadores, empresas, ONGs e povos indígenas, desenvolveram vários mecanismos e compromissos para tentar para garantir sua proteção.

Sob a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, o mecanismo REDD+ foi desenvolvido para fornecer uma estrutura através da qual os países ricos recompensariam os países tropicais pela conservação de suas florestas. O REDD+ (que significa *Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal em Países em Desenvolvimento*) tem como objetivo fornecer incentivos financeiros aos países em desenvolvimento para reduzir as emissões do desmatamento e degradação florestal, gerenciar de forma sustentável suas florestas e conservar e aprimorar os estoques de carbono das florestas, além de fornecer benefícios de desenvolvimento sustentável às comunidades participantes. Em 2013, a comunidade internacional chegou a um consenso político sobre REDD+ e adotou um manual de regras para gerenciamento de riscos; isso foi posteriormente incluído no Acordo de Paris de 2015. Como tal, os países industrializados não têm mais motivos para adiar a mobilização do financiamento necessário para avançar e, de fato, existem acordos bilaterais de REDD+ em alguns países que abrigam florestas tropicais.

TO Acordo de Paris sobre Mudança Climática de 2015, em que as nações se comprometeram “assegurar que o aumento da temperatura média global fique 2°C abaixo dos níveis pré-industriais e prosseguir os esforços para limitar o aumento da temperatura a até 1,5°C” até 2030, reconhece

o papel crítico do REDD+ na consecução desse objetivo. A importância de proteger as florestas tropicais também é reconhecida em muitas das ‘Contribuições nacionalmente determinadas’ (NDCs) prometidas pelos países em resposta ao Acordo de Paris. Esses são planos nacionais elaborados por cada país, descrevendo como eles pretendem cumprir suas metas de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Embora a maioria dos principais países de florestas tropicais tenha incluído ações para proteger florestas em seus NDCs, muitos não deixam claro quais ações serão tomadas, e o nível geral de ambição precisará ser aumentado em futuras iterações de NDCs, se todo o potencial das florestas como solução climática precisar ser concretizada.

Muitos outros acordos globais reconhecem o valor das florestas para o desenvolvimento sustentável, a biodiversidade e o clima. Os Objetivos de Aichi (2010), acordados sob a Convenção das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica, buscam reduzir pela metade a perda de florestas e outros habitats naturais até 2020. A Declaração de Nova York sobre Florestas (2014) fez com que governos, empresas, povos indígenas e ONGs nacionais e subnacionais concordem coletivamente em reduzir pela metade a perda de florestas naturais até 2020 e anulá-la até 2030. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (2015) visam a conservação, restauração e uso sustentável dos ecossistemas terrestres até 2020 e incluem a área florestal como um indicador chave de sucesso.

No setor privado, cada vez mais empresas e bancos de bens de consumo estão se comprometendo a eliminar o desmatamento de suas cadeias de suprimentos ou carteiras de investimentos, sob pressão de ONGs. Em setembro de 2017, mais de 470 empresas de alimentos e agricultura haviam se comprometido a eliminar o desmatamento de suas cadeias de produção.³

Apesar dessa abundância de acordos e compromissos, não há evidências claras de que essas iniciativas bem-intencionadas estejam tendo o impacto desejado, e as florestas tropicais continuam desaparecendo em um ritmo alarmante. Como o ano-alvo de muitos desses compromissos, 2020 representa um ano histórico para refletir sobre os progressos realizados até agora e novamente angariar esforços internacionais. O ano de 2020 terá um Novo Acordo para a Natureza e as Pessoas, em substituição às metas de Aichi para 2020 da Convenção Diversidade Biológica. Enquanto isso, o Acordo de Paris da UNFCCC começará a ser implementado na íntegra, e a Década das Nações Unidas para a Restauração dos Ecossistemas 2021-2030 será lançada como um meio de reforçar compromissos ambiciosos para restaurar paisagens degradadas em todo o mundo.

Chegaremos na próxima década no caminho sustentável que foi tão evasivo na última década? Os últimos anos mostraram que acordos e compromissos por si só são insuficientes. Os governos, o setor privado e as organizações da sociedade civil continuarão a ter papéis vitais a desempenhar, mas o local de culto, e não o mercado, é onde os corações e mentes são conquistados, e onde as intervenções para proteger as florestas tropicais podem fazer uma diferença dramática. Os líderes religiosos estão em uma posição única para inspirar ações para a proteção das florestas tropicais. A influência e o poder inspirador dos líderes religiosos e das comunidades religiosas podem fornecer o ponto de virada que as florestas do mundo precisam com tanta urgência.

3 <https://climatefocus.com/sites/default/files/20171106%20ISU%20Background%20Paper.pdf>



CAPÍTULO 2

O IMPERATIVO ESPIRITUAL DE PROTEÇÃO DE FLORESTAIS E SEUS POVOS: PERSPECTIVAS DE DEZ TRADIÇÕES RELIGIOSAS

UMA PERSPECTIVA BAHÁ'Í

Bani Dugal

A grandeza e a diversidade do mundo natural são reflexos da majestade e generosidade de Deus. Os escritos bahá'ís dizem que:

“A Natureza em sua essência é a incorporação de Meu Nome, o Originador, o Criador. Diversas são suas manifestações, por causas que variam e, nessa diversidade, há sinais para homens de discernimento. A Natureza é a Vontade de Deus e é sua expressão no mundo contingente e através deste. (Epístolas de Bahá'u'lláh, Lawh-i-Hikmat)

“... Entre as partes da existência, há uma maravilhosa conexão e troca de forças que é a causa da vida do mundo e a continuação desses incontáveis fenômenos.” (Declarações de 'Abdu'l-Bahá, Estrela do Oeste, nº 17, 1916, p.139)

As florestas tropicais, tão ricas em biodiversidade e críticas para a vida do mundo, devem ser protegidas. Eles são um encargo divino pela qual todos somos responsáveis.



Os ensinamentos bahá'ís afirmam repetidamente a harmonia da ciência e da religião e alegam que os seres humanos têm a obrigação de cuidar da natureza:

“Os elementos e organismos inferiores estão sincronizados no grande plano da vida. O homem, infinitamente acima deles em grau, será antagonico e destruidor dessa perfeição? (‘Abdu’l-Bahá, Promulgação da Paz Universal).

Para preservar adequadamente nossas florestas tropicais, indivíduos, instituições e comunidades devem extrair insights do conhecimento herdado da humanidade - incluindo o conhecimento e a experiência dos povos indígenas.

Os padrões atuais de consumo em numerosas nações não podem ser sustentados por um sistema planetário fechado. A crescente demanda por recursos limitados contribuiu significativamente para a destruição de metade das florestas tropicais do mundo em apenas um século. Os bahá'ís acreditam na defesa de valores sagrados de cuidado, abnegação, moderação e confiabilidade—vitais para promover relacionamentos saudáveis com o mundo natural. O comprometimento com os princípios espirituais pode promover atitudes, abordagens e aspirações que podem facilitar a descoberta e implementação de medidas duradouras para ajudar a preservar nossas florestas tropicais.

Baha'u'llah diz:

“Vós todos sois as folhas de uma só árvore e as gotas de um só oceano.” (Epístolas de Bahá'ú'lláh, Bishárát (Boas Novas)) e “Aquele que é vosso Senhor, o Todo-Misericordioso, nutre em Seu coração o desejo de ver o gênero humano inteiro como uma só alma e um só corpo.” (Bahá'ú'lláh, Chamado do Senhor das Hostes)

Todos devemos deixar de lado as disputas partidárias e buscar ações unidas, informadas pelas melhores evidências científicas disponíveis e baseadas em princípios espirituais. Contenção e desunião paralisam vontade e aspiração e diminuem as esperanças das pessoas de que a mudança é possível. As comunidades religiosas podem ajudar a promover a esperança e o consenso em torno de valores e ética compartilhados e, assim, proteger as florestas tropicais.

Os bahá'ís estão trabalhando em suas comunidades indígenas para aprender e resgatar práticas agrícolas sustentáveis. Grande parte desse conhecimento foi descartada em favor de práticas mais “eficientes” que saquearam nossas florestas tropicais. Essas comunidades estão aprendendo que, quando suas práticas tradicionais são mantidas, em harmonia com as ideias da ciência moderna, as práticas agrícolas podem ser coerentes com cuidado e conservação. Ciência e religião juntas fornecem os princípios organizadores fundamentais pelos quais a humanidade pode abordar as questões vitais que a confrontam.

“A civilização material é como o corpo. Não importa quão infinitamente gracioso, elegante e bonito seja, está morto. A civilização divina é como o espírito, e o corpo tira sua vida do espírito, caso contrário, torna-se um cadáver.” (Seleções dos escritos de ‘Abdu’l-Bahá, p. 303, 1978)

Quando as dimensões materiais e espirituais da existência forem cuidadas de forma conjunta, nossas florestas tropicais poderão novamente florescer.

UMA PERSPECTIVA BUDISTA

Sulak Sivaraksa



As florestas têm desempenhado um papel na vida e nas práticas budistas ao longo de milênios. A história fornece muitos exemplos disso. A rainha Māyā de Sakya deu à luz ao príncipe Sidarta Gautama, o Buda, sob uma árvore de shala⁴ em um jardim em Lumbini, Nepal. O Buda passou muito tempo nas florestas do sul da Ásia. Ele foi iluminado sob uma figueira sagrada, faleceu e ascendeu no Bosque de Salas, que era rico em árvores de shala nas proximidades de Kusinara (agora Kushinigar, Índia).

Os ensinamentos do Buda estavam ancorados em um princípio de que o materialismo não traria felicidade, e que o apego a objetos materiais é uma característica do sofrimento humano. O Buda identificou três raízes prejudiciais fundamentais (akusala-mūla), conhecidas no budismo mahayana como os três venenos: lōbha (ganância), dōsa (ódio) e mōha (ilusão), que também estão no centro da crise ambiental. A crise que estamos enfrentando agora é de natureza fundamentalmente espiritual. Acreditamos erroneamente que a aquisição de material trará satisfação. Essa falsa crença impulsiona nosso desejo de acumular riqueza material às custas da natureza. No entanto, a riqueza adquirida não pode satisfazer o sentimento do que está faltando em nossas vidas. O sentimento de falta desaparecerá apenas quando alcançarmos a paz interior e vivermos em harmonia com o mundo natural.

Nas escrituras budistas antigas, como Dhammapada e Vanaropa Sutta, destaca-se a importância de viver em harmonia com a natureza, plantar árvores e os méritos daqueles que as protegem:

A crise que estamos enfrentando agora é de natureza fundamentalmente espiritual. Acreditamos erroneamente que a aquisição de material trará satisfação.

4 Some sources say it was an ashoka tree (saraca asoca).

“Assim como a abelha recolhe o mel da flor sem prejudicar sua cor ou fragrância, os sábios também devem interagir com o ambiente”. - (Dhammapada 49)

“Um dia uma divindade perguntou ao Buda: “Quem tem um mérito que cresce dia e noite, quem é a pessoa virtuosa e justa que vai para o reino da bem-aventurança?” Buda respondeu, o mérito das pessoas que plantam bosques, parques, constroem pontes, fazem lagos, moradias, etc. cresce dia e noite, e essas pessoas religiosas vão para o céu.” - (Discurso sobre o mérito adquirido nos plantios, Vanaropa Sutta)

Monges budistas no sudeste da Ásia usaram seus ensinamentos e tradições teológicas para frear o rápido desmatamento na região. Nos anos 90, monges budistas na Tailândia começaram a aumentar a conscientização pública sobre a conservação da floresta. A manifestação mais visível de um dhamma ecológico foi a prática de ordenar árvores na Tailândia. Até hoje, o povo tailandês não desmata florestas perto dos mosteiros. Sob as regras monásticas, os próprios monges são proibidos de cortar plantas vivas; e os moradores respeitam as florestas como um local de refúgio e conservação monásticos. A prática budista geralmente é bastante regionalizada e baseada na comunidade, com alguns dos desafios ao meio ambiente moldados por formuladores de políticas e decisões políticas. No Sri Lanka, os líderes budistas se envolveram diretamente com o Parlamento e a Presidência para desenvolver uma nova vila de sustentabilidade.

O budismo é uma doutrina de libertação que oferece soluções e medidas práticas para percebermos as consequências de nossas ações, dominar nossos próprios desejos e desenvolver uma abordagem mais sustentável, generosa e consciente da vida na Terra. O budismo ensina de maneira prática que purificar a mente e agir para um bem maior, reduzindo danos e sofrimentos, é o que nos dá uma sensação de paz e satisfação na vida. De acordo com o budismo, todos nós precisamos viver o “caminho certo”, o que significa respeitar a nós mesmos e ao nosso planeta. Dessa forma, somos mais felizes, a floresta tropical é mais feliz e o mundo respirará com mais facilidade.



UMA PERSPECTIVA CRISTÃ

Sua Eminência Metropolitana Emmanuel da França

Todos os principais ramos da família cristã são unificados em sua convicção de que a Terra pertence a Deus e que a humanidade é responsável pelo cuidado da Terra. Esse ensino cristão fundamental tem implicações claras e irrefutáveis para a proteção das florestas tropicais e para seus guardiões indígenas. O Grande e Santo Concílio da Igreja Ortodoxa, convocado em Creta em junho de 2016, estabelece as dimensões religiosas da crise ecológica, descrevendo-as como sendo:



“devida a causas espirituais e éticas, inerente ao coração de cada homem. Esta crise tornou-se mais aguda nos últimos séculos, devido às várias divisões provocadas pelas paixões humanas—como a avidez, a cobiça, o egoísmo e o desejo insaciável por mais – e por suas consequências para o planeta, como nas mudanças climáticas, que agora ameaçam em grande parte o ambiente natural, nosso ‘lar’ comum” (par.14).

Devemos reconhecer a dimensão espiritual da crise ambiental. Não estamos enganados por nos vermos senhores e possuidores da natureza, uma natureza que tem o único e exclusivo propósito de nos servir? A Aliança Evangélica Mundial (AEM), examinando as Escrituras, vê a presença e o senhorio de Jesus Cristo profundamente enraizados na perspectiva da Bíblia sobre o meio ambiente. A AEM observa que, de acordo com as Escrituras, todas as tradições cristãs confessam o mundo como criação de Deus, na qual a vida prospera e onde é possível sentir o divino (Gênesis 1: 1-2: 25). Em Cristo, a plenitude de Deus foi satisfeita e, através de Cristo, Deus foi reconciliado com todas as coisas no céu e na terra (Colossenses 1: 19-20). Portanto, todos os cristãos acreditam que somos parte integrante dessa boa criação e reconhecem que os destinos da natureza e da humanidade estão intimamente inter-relacionados. Embora tenhamos sido autorizados a exercer domínio (Gênesis 1:26), os textos bíblicos nos ensinam que Deus, por meio de Cristo, nos deu o cuidado “fiel e prudente” da criação (Lucas 12:42):

“Também somos ordenados a cuidar da terra e de todas as suas criaturas, porque a terra pertence a Deus, não a nós. Fazemos isso por causa do Senhor Jesus Cristo, que é o Criador, Proprietário, Sustentador, Redentor e Herdeiro de toda a criação.”⁵

A breve, porém poderosa declaração encontrada em Gênesis 1:11 corresponde à majestade da criação, como é entendida por todos os ramos da família cristã: “Então Deus disse: ‘Que a terra produza vegetação: plantas produzindo sementes e árvores frutíferas de todo tipo de terra que dá frutos com a semente nela’ Até as manifestações mais humildes e modestas do mundo criado por Deus compreendem os elementos mais fundamentais da vida e os aspectos mais preciosos da beleza natural.

5 World Evangelical Alliance, Summary of Climate Change References in Creation Care Documents, Part IIB, ‘For the World We Serve: The Cape Town Call to Action,’ [Web](#).

O Conselho Mundial de Igrejas, uma extensa rede de cristãos protestantes do mundo, afirma que:

*“A criação é intrinsecamente boa. Na maioria das vezes, a criação se importa conosco, e não nós com a criação - como nossos irmãos e irmãs indígenas nos lembram. ‘Quando o arco estiver nas nuvens, eu o verei e lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de toda a carne que há na terra’ (Gênesis 9:16). É hora de nos reintegrarmos nessa aliança.”*⁶

Nos últimos anos, a ecoteologia cristã afirmou o dom sagrado da vegetação e das florestas de maneiras mais específicas. Os teólogos reconheceram que, para todas as pessoas do mundo, as plantas são o centro e a fonte da vida. As plantas nos permitem respirar, viver, florescer e sonhar. Para muitos, incluindo os povos indígenas, as plantas fornecem a base da vida espiritual e cultural. Ao permitir o sobrepastoreio ou promover o desmatamento, perturbamos o equilíbrio do mundo das plantas. Seja por irrigação excessiva ou expansão urbana, interrompemos o épico magnífico do mundo natural. O Papa Francisco fala disso eloquentemente em sua encíclica de 2015, *Laudato Si'*:

“A perda de florestas e bosques implica simultaneamente a perda de espécies que poderiam constituir, no futuro... não basta pensar nas diferentes espécies apenas como eventuais “recursos” exploráveis, esquecendo que possuem um valor em si mesmas. Anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer, que os nossos filhos não poderão ver, perdidas para sempre. A grande maioria delas extingue-se por razões que têm a ver com alguma atividade humana... Não temos direito de o fazer.”

Apesar de séculos de maus tratos violentos, as comunidades cristãs começaram o trabalho longo e necessário de afirmar os direitos dos povos indígenas e reconhecê-los como os protetores mais habilidosos e eficazes do mundo em florestas e biodiversidade, guardiões do próprio mistério da vida. Sua Santidade Bartolomeu, Patriarca Ecumênico escreveu uma vez:

“Os povos indígenas do mundo inteiro são os cuidadores e guardiões, não apenas das florestas e dos mares, mas também de um vasto acervo de conhecimentos sobre o mundo natural, que eles consideram a biblioteca da vida.”

O cristianismo ensina que, de uma maneira muito distinta, a Terra de Deus nos une a todos, antes e além de qualquer diferença doutrinária, política, racial ou outra. Podemos ou não compartilhar convicções religiosas, etnia ou cultura, mas compartilhamos uma experiência da Terra no ar que respiramos, na água que bebemos, no chão que pisamos. Como tudo isso pertence a Deus, somos chamados a reverência e respeito, cuidado e proteção, humildade e gratidão diante de um presente tão inspirador e vivificante.

6 World Council of Churches, ‘Roadmap for Congregations, Communities and Churches for an Economy of Life and Ecological Justice,’ [Web](#).

UMA PERSPECTIVA CONFUCIONISTA

Mary Evelyn Tucker, Universidade de Yale, e Anna Sun, Kenyon College e Escola de Divindade de Harvard

A perspectiva dinâmica e holística da cosmovisão confucionista fornece um contexto para apreciar a interconectividade de todas as formas de vida e a sacralidade dessa intrincada rede de vida.⁷ Além disso, a compreensão confucionista das forças vitais subjacentes aos processos cósmicos oferece uma base para reverenciar a natureza. Isso ocorre porque a natureza não pode ser pensada como composta de matéria inerte e morta. Antes, todas as formas de vida compartilham o elemento qi ou força material. Essa entidade psicofísica compartilhada se torna a base para estabelecer uma reciprocidade entre os mundos humano e não humano. Sob essa perspectiva, as florestas são tradicionalmente consideradas locais especiais de formas de vida interconectadas. Assim, elas precisam ser protegidas e manejadas para um bem comum maior.

Nesse mesmo sentido, em termos de auto-cultivo e de promoção da virtude para o bem comum, a tradição confucionista fornece uma ampla estrutura para harmonizar a vida humana com o mundo natural. Ele faz isso ao entender o humano como um filho do Cosmos (Céu) e da Natureza (Terra).

Isso é ilustrado pelo estudioso neoconfucionista do século XI, Zhang Zai, em seu frequentemente citado ensaio *The Western Inscription*:

*“O céu é meu pai e a Terra minha mãe, e mesmo um pequeno ser como eu encontra um lugar íntimo no meio deles. Portanto, aquilo que preenche o universo considero como meu corpo e aquilo que conduz o universo considero como minha natureza. Todas as pessoas são meus irmãos e irmãs, e todas as coisas são minhas companheiras.”*⁸

Isso ilustra o importante senso de parentesco com toda a vida, que foi fundamental para a tradição neoconfucionista. Isso foi expandido ainda mais por Wang Yangming no século XV, afirmando que:

*“... quando vemos plantas quebradas e destruídas, não podemos deixar de sentir pena. Isso mostra que nossa humanidade forma um corpo com plantas. Pode-se dizer que as plantas são seres vivos como nós somos ...”*⁹



7 See Mary Evelyn Tucker and John Berthrong, ed. *Confucianism and Ecology*. (Cambridge: Harvard University Press, 1998) This was part of the Harvard conference series and edited volumes on *Religions of the World and Ecology*.

8 Wm. Theodore de Bary and Irene Bloom, *Sources of Chinese Tradition* (New York: Columbia University Press, 1999), p. 683.

9 Tu Weiming, “The Ecological Turn in New Confucian Humanism,” in *Confucian Spirituality*. Vol 2. Tu Weiming and Mary Evelyn Tucker, eds. (New York: Crossroad Publishing, 2004), p. 493.

Eles são seres vivos porque compartilham a mesma qi, força vital. Além disso, para Wang Yangming, o conhecimento inato dos seres humanos era a base para a ação apropriada no mundo. Como Tu Weiming observa:

“O relacionamento sustentável e harmonioso entre a espécie humana e a natureza não é apenas um ideal abstrato, mas um guia concreto para a vida prática.”¹⁰

Assim, cosmologia e ética, natureza e virtude, conhecimento e ação estão intimamente ligados aos confucionistas em todo o mundo asiático. A partir dessa perspectiva, os confucionistas visavam tradicionalmente promover relações sociais florescentes, sistemas educacionais eficazes, sistemas agrícolas e florestais sustentáveis e governança política humana dentro do contexto dos processos terrestres vivificadores. É claro, no entanto, que esses eram ideais aspiracionais que nem sempre eram realizados na prática.

Qi ou Ch'i

Confucionistas têm um termo para descrever a vibração e a vitalidade da Terra e do universo: *qi*. Isso é traduzido de várias maneiras como força material, energia da matéria ou força vital. Expressa o entendimento de que o universo está vivo com vitalidade e ressoa com a vida. O que é digno de nota nessa perspectiva é que a *qi* é um campo unificado que abrange tanto a matéria quanto a energia. A *qi* percorre o universo, desde as menores partículas de matéria até montanhas e rochas, plantas e flores, florestas e bosques, animais e pássaros, peixes e insetos. Todos os elementos—ar, terra, fogo e água—são compostos de *qi*. Os seres humanos também estão vivos com *qi*.

Em outras palavras, a *qi* se move pela natureza, preenche os elementos da realidade e dinamiza o corpo-mente humano. É a única força unificadora de tudo o que é. Não postula uma dicotomia entre natureza e espírito, corpo e mente, matéria e energia. *Qi* é a realidade vital de todo o universo. Assim, as florestas são lugares especiais onde a *qi* reside com toda a biodiversidade da vida que elas contêm. Essa perspectiva da *qi* como força vital tem muitas semelhanças com as visões de mundo dos povos indígenas, que também veem a Terra como viva e, portanto, algo a proteger.

Auto-Cultivo

Para os confucionistas, o auto-cultivo, portanto, não leva à felicidade transcendente, à salvação sobrenatural ou à iluminação pessoal. Em vez disso, o objetivo é avançar para a participação na ordem social, política, ecológica e cosmológica das coisas. A continuidade do eu, da sociedade, da natureza e do cosmos é fundamental na cosmovisão confucionista.


Assim, o auto-cultivo pessoal sempre visa preparar o indivíduo para contribuir mais plenamente com as necessidades do mundo. Para os confucionistas, isso implica uma primazia de estudo e aprendizado contínuos para servir a sociedade. A educação está no coração do auto-cultivo. Isso não é simplesmente aprendizado de livros ou escolaridade em prol do carreirismo. É antes a educação que leva o indivíduo a sair de si e entrar na responsabilidade pelo mundo em geral.

10 Tu Weiming, International Confucian Ecological Alliance, Confucian Statement on the Protection of the Planet. 2014

Mais do que tudo, então, o papel do humano é descobrir o lugar na comunidade maior da vida. E essa comunidade é um dos círculos concêntricos sempre em expansão e intrincadamente conectados da família, escola, sociedade, política, natureza e universo. Os seres humanos estão inseridos em uma rede de relacionamentos. Uma pessoa cumpre seu papel cultivando espontaneidades internas, para que possa estar mais atento a cada uma dessas comunidades. Isso inclui a responsabilidade pela natureza e pelas florestas saudáveis em prol da vida da comunidade.

Para os confucionistas, isso se passa no contexto de um universo orgânico, dinâmico e holístico, que está vivo com a *qi*. Encontrar o papel de alguém é perceber como os humanos completam a grande tríade do Céu e da Terra. À medida que os humanos redescobrem seu ser cosmológico no macrocosmo das coisas, seu papel no microcosmo de suas vidas diárias se tornará mais gratificante e co-criativo. O ritmo e o cadência da vida humana devem responder aos ritmos do dia, às mudanças das estações do ano e aos movimentos das estrelas. A continuidade dos seres humanos com a vida da Terra e do universo anima e enriquece as atividades diárias. Ao se sintonizar com os padrões de mudança e continuidade no mundo natural, os humanos encontram seu nicho.¹¹

Assim, os seres humanos participam dos poderes transformadores e nutritivos de toda a vida. Ao fazê-lo, cultivarão a terra adequadamente, preservarão florestas, nutrirão outras formas de vida, regularão adequadamente as relações sociais, honrarão os compromissos políticos para o bem comum e, assim, participarão da grande transformação dos processos da Terra. Esta é a visão de mundo aspiracional do confucionismo que pode ajudar na preservação das magníficas e complexas florestas tropicais do nosso planeta.



—
A *qi* se move pela natureza,
preenche os elementos da
realidade e dinamiza o
corpo-mente humano.

11 Wm. Theodore de Bary, *Sources of Chinese Tradition* (New York: Columbia University Press, 1960), p. 466.

UMA PERSPECTIVA DAOISTA

Claudia He Yun

De acordo com o clássico taoísta Huainanzi (em chinês: 《淮南子》), no centro do mundo havia uma floresta gigante chamada Jianmu (em português: 《建木》):

“Jianmu vive em um lugar chamado Duguang ... É tão espesso que no meio do dia nenhum sol podia passar por suas folhas. É tão denso que, quando se chama, não há eco. Fica no centro do céu e da terra.”



Capítulo de Geografia, Huannanzi Chinês: 《淮南子·地形篇》)

Jianmu não apenas mantém o céu e a terra no lugar, mas também serve como uma conexão entre os dois, para que os seres celestes possam usá-lo como uma porta de entrada para viagens entre os dois mundos (chinês Shanhaijing: 《山海经》). Agora, nossos ancestrais não tinham como saber onde ficava a floresta tropical, mas a representação de Jianmu não soa exatamente assim? Além de espessa e densa, serve como um portal essencial entre o céu e a terra, sem o qual a água e o carbono não serão capazes de completar seus ciclos.

As árvores também estão intimamente ligadas à nossa própria existência. Na China antiga e em algumas comunidades taoístas hoje, uma pessoa adotaria uma árvore de acordo com a vontade do Deus da Árvore, que se reflete em seu signo de nascimento. A pessoa então pede ao Deus da Árvore que proteja a árvore da vida para que ela viva uma vida longa e saudável. Mas se o Deus da Árvore cortar a árvore, a pessoa morrerá. Hoje não chamamos mais as árvores de “Deus”. Nós os chamamos de “sumidouro de carbono”. O que esquecemos, no entanto, é que a floresta tropical existe muito antes de nós e continuará existindo muito tempo depois que partirmos. Essa prática nos lembra que não somos os protetores das árvores, as árvores nos protegem e nos dão vida. As árvores têm seu próprio valor intrínseco para existir, que está além do nosso poder (como refletido no Deus da Árvore).

Zhengao (chinês: 《真诰》) registrou a história de um taoísta que orava a uma árvore morta todo anoitecer e amanhecer por 28 anos. Um dia, a árvore morta ganhou vida repentinamente: as folhas ficaram lustrosas e a seiva da árvore era doce como o mel. O taoísta bebeu a seiva e imediatamente se tornou um imortal. Baopuzi (em chinês: 《抱朴子》) registrou outra história adorável sobre uma grande árvore chamada Yunyang (inglês: nuvem do sol) que vive em uma montanha. Se uma pessoa se perder na montanha e chamar o nome de Yunyang corretamente, ela encontrará o caminho.

A floresta tropical também poderia nos ensinar a saída deste emaranhado de problemas globais para um mundo mais bonito, sustentável e compassivo?

UMA PERSPECTIVA HINDU

Anantanand Rambachan

O templo Tirupati Tirumala em Andhra Pradesh, um dos maiores templos hindus da Índia e um dos locais sagrados mais visitados do mundo, divulga sua iniciativa de proteção de árvores com o slogan em sânscrito “Vriksho rakshati rakshatah”: “Quando as árvores são protegidas, elas nos protegem.” O templo também distribui mudas como prasada, isto é, presentes sagrados do divino.

Tradicionalmente, o prasada é um item comestível compartilhado após o culto hindu. A iniciativa de proteção de árvores do templo Tirupati destaca os principais ensinamentos hindus sobre o valor das florestas tropicais do mundo e a urgência de sua proteção.

As tradições hindus consideram toda a natureza, de fato toda a criação, como sagrada. O único ser divino é a fonte de tudo o que existe e está presente igualmente em tudo. Vários textos hindus descrevem especificamente árvores e florestas como emergentes do divino.

“D’Ele emergem os oceanos e montanhas; d’Ele fluem os rios, em suas diversas formas; d’Ele brotam todas as árvores e sua seiva, pelas quais Ele habita em tudo como o eu mais íntimo (Mundaka Upanishad 2.1.9).”

Como consequência dessa imanência divina, as tradições hindus nos convidam a ver e considerar o universo inteiro como a forma de Deus. Mundaka Upanishad (2.1.4) descreve a lua e o sol como seus olhos, as direções como seus ouvidos, o vento como sua respiração, a terra como seus pés e toda a criação como seu coração. Somos convidados a contemplar a natureza com reverência e como tendo sua própria integridade.

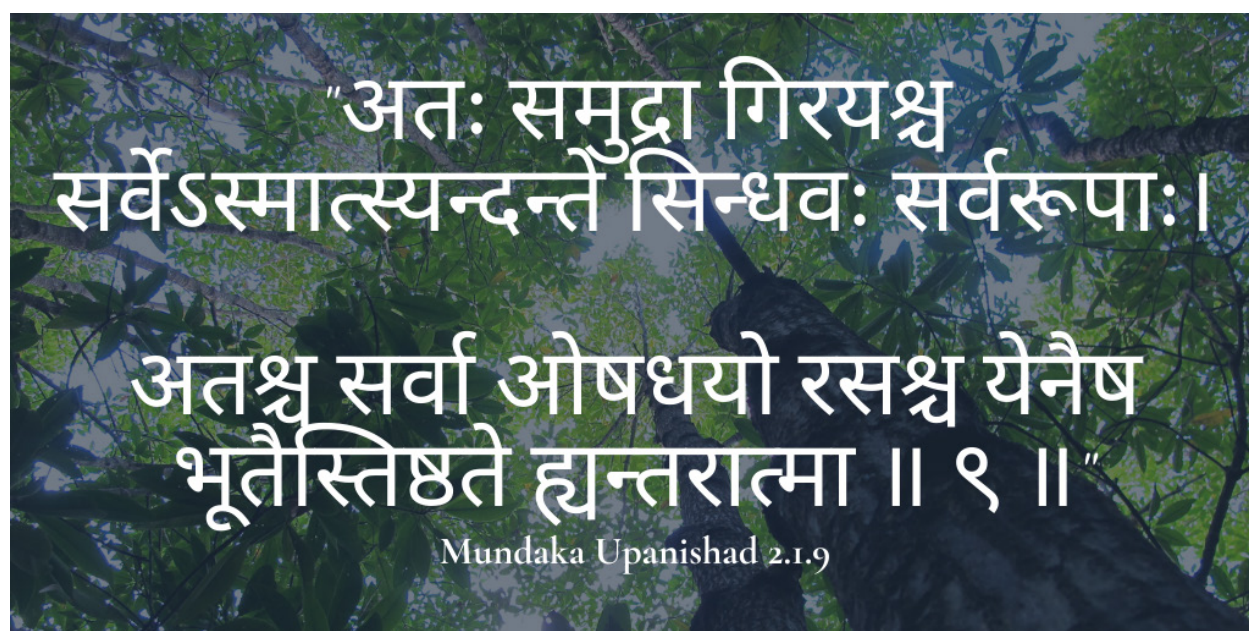


As tradições hindus consideram toda a natureza, de fato toda a criação, como sagrada. O único ser divino é a fonte de tudo o que existe e está presente igualmente em tudo.

O valor da natureza não é meramente instrumental para as necessidades ou ganância humanas. Essa reverência também exige que pratiquemos *ahimsa* (sem ferimentos). Isso inclui também nossas florestas tropicais. *Ahimsa* é considerada a maior virtude e é essencial para a preservação da biodiversidade em nossas florestas tropicais.

Os ensinamentos hindus sobre a importância de proteger as florestas tropicais não se limitam à teologia de seu valor sagrado e à ética da não-violência. A unidade da criação que tem sua fonte no divino e que é permeada pelo divino implica uma profunda interconexão e interdependência. A mesma verdade está implícita na compreensão do mundo como o corpo do divino. Como um corpo, o todo é inter-relacionado e interdependente. As tradições hindus enfatizam que nosso corpo é inseparável e profundamente conectado ao mundo natural. O vento que é descrito como o sopro de Deus é o nosso sopro. Por meio da ciência, entendemos a indispensabilidade de nossas florestas tropicais para a saúde da atmosfera, do clima e do florescimento de nosso planeta. O ensino hindu essencial sobre a unidade da existência também é um aviso de que, ao destruir as florestas tropicais, nós nos destruimos.

O Bhagavadgita nos chama repetidamente a comprometer-se a trabalhar pelo florescimento de todos (*lokasangraha*). Oramos diariamente na tradição hindu pela paz de nossas florestas (*vanaspatayah shantih*). Nossa esperança e trabalho em oração exigem um compromisso urgente para proteger as florestas tropicais do mundo, indispensáveis ao florescimento de diversas espécies, comunidades humanas, desenvolvimento sustentável e a saúde geral do nosso planeta. Lokasangraha é uma obrigação hindu fundamental. A proteção de nossas florestas tropicais é uma obrigação religiosa hindu (*dharma*) quando entendemos que o objetivo de lokasangraha é impossível sem florestas tropicais saudáveis.



UMA PERSPECTIVA ISLÂMICA

Mustafa Ceric, Ph.D. Grande Mufti da Bosnia

Deus Todo-Poderoso nos diz no Alcorão Sagrado (Al-Anbiyā' 21:30-31):

“Os céus e a terra eram uma entidade unida, e Deus os separou e fez da água todos os seres vivos. E Deus pôs na terra montanhas firmes, para que não tremesse com elas, e Deus fez nela amplas rodovias (entre montanhas) para que passassem: para que recebessem Orientação.”



Aqui está a chave. Precisamos de florestas porque precisamos de ar, água e comida. Os seres humanos podem viver cerca de quarenta dias sem comida, cerca de três dias sem água, mas apenas oito minutos sem ar. Assim, cortando as árvores das florestas, cortamos nosso próprio cordão umbilical enquanto estamos no próprio estômago da Mãe Terra. Deveríamos saber que sem essa corda vital, não podemos sobreviver. De fato, somos como um feto dependente dele para nossa sobrevivência no ventre da Mãe Terra. É por isso que a saúde da Mãe Terra deve ser cuidada. É por isso que as florestas devem ser protegidas para a boa saúde da humanidade: as florestas fornecem ar limpo, água limpa e alimentos limpos. De fato, as florestas ditam padrões climáticos para todo o planeta Terra e agem como os pulmões do planeta.

O Islã nos ensina que o corte de árvores e plantas em massa é pecaminoso. Em vez disso, devemos proteger e aumentar o número de árvores e plantas na terra. Dizem que Deus recompensará o plantio de árvores e plantas. O profeta Muhammad pediu aos muçulmanos que cuidem da flora da Terra. Em uma de suas palavras (Ḥadīth), ele disse:



“Se algum muçulmano planta uma planta e um ser humano ou um animal a come, ele será recompensado como se tivesse dado a mesma quantidade em caridade.” (Sahih Bukhari Vol. 8, Livro 73, Nº 41). E ele disse: “Mesmo que a Última Hora na Terra esteja prestes a ocorrer enquanto um de vocês está segurando um broto de palmeira, apoveirte um segundo antes da Última Hora para plantá-la.” (Sahih Al-Jami ‘Al-Saghir, Nº 1424).

E essa tradição islâmica estipula como devemos nos comportar em relação a uma árvore e árvores de florestas: “Quem cortar uma árvore aqui deve plantar uma nova árvore”. Sim, de fato, quem cortar uma floresta aqui e ali deve plantar uma nova floresta. Todos já sabemos que as florestas cobrem um terço da massa terrestre da Terra, desempenhando funções vitais em todo o mundo. Cerca de 1,6 bilhões de pessoas - incluindo mais de 2.000 culturas indígenas - dependem das florestas para sua subsistência. As florestas são os ecossistemas mais biologicamente diversos em terra, lar de mais de 80% das espécies terrestres de animais, plantas e insetos. Eles também fornecem abrigo, empregos e segurança para as comunidades dependentes da floresta. No entanto, apesar de todos esses inestimáveis benefícios ecológicos, econômicos, sociais e de saúde, o desmatamento global continua em um ritmo alarmante: 13 milhões de hectares de floresta são destruídos anualmente. O desmatamento é responsável por 12 a 20% das emissões globais de gases de efeito estufa que contribuem para as mudanças climáticas.

Portanto, é hora das comunidades religiosas de todo o mundo levantarem suas vozes contra o desmatamento. As comunidades religiosas devem se unir pela proteção das florestas e de seus povos como um imperativo moral. Como temos no Alcorão Sagrado:

“[Desde que se tornaram alheios à consciência moral], a corrupção apareceu na terra e no mar como resultado do que as mãos dos homens fizeram (Al-Rum, 41).”



UMA PERSPECTIVA JUDIA

Rabino David Rosen

Um antigo sermão judaico (Eclesiastes Rabbah 7, Seção 28) nos diz que “quando o Santo Bendito Seja Ele criou o primeiro ser humano, ele levou a pessoa ao redor de todas as árvores do Jardim do Éden e disse:

“Veja meus trabalhos, quão bons e excelentes eles são, que eu criei para você. Pense nisso e não corrompa nem destrua meu mundo; porque, se você o corrompe, não há ninguém para arrumá-lo depois.”

This of course is in keeping with the text in the Book of Genesis (2:15) that describes God as having put the human person in the garden “to work and preserve it”.

É notável que este sermão, que ensina a importância da responsabilidade humana pelo meio ambiente, se concentre nas árvores do Jardim do Éden, destacando o papel principal que as florestas desempenham em nosso ecossistema. É claro que esse é especialmente o caso das florestas tropicais, cujo bem-estar tem ramificações verdadeiramente globais.

Embora o reconhecimento de que nosso ambiente seja a Criação Divina deva nos impedir de destruir e desperdiçar devassamente, a Tradição Judaica deriva a proibição específica de Deuteronômio Capítulo 20, Verso 19, que proíbe o corte de árvores frutíferas para fazer armas para a guerra.



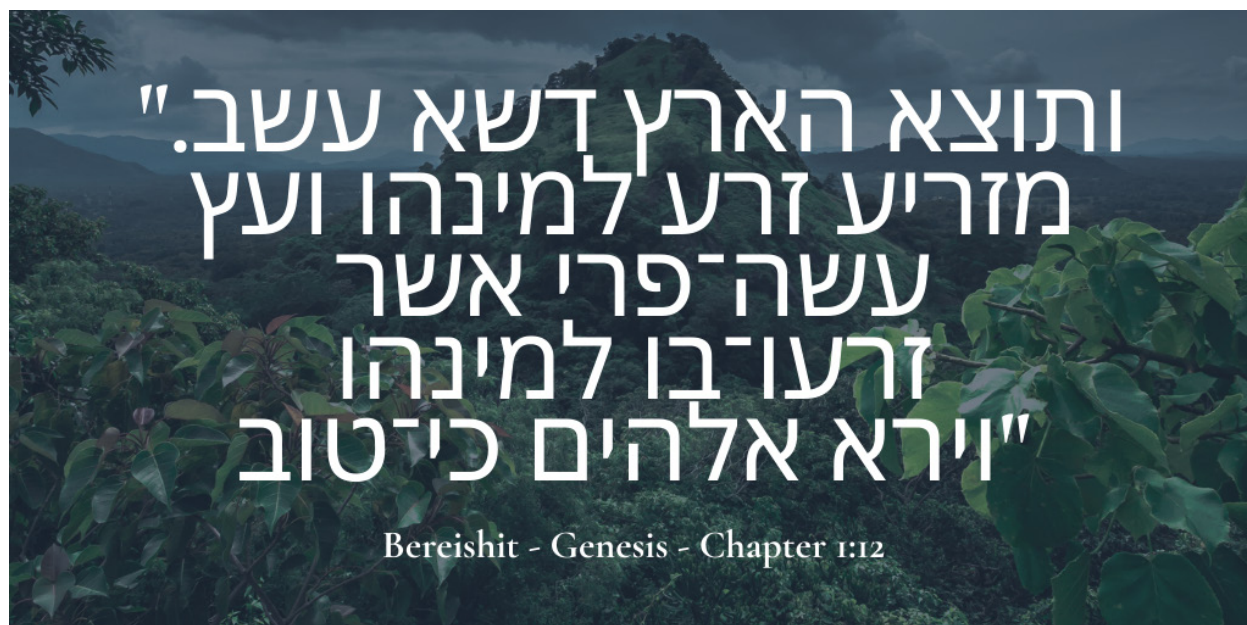
Os sábios do Talmude tiram uma conclusão a fortiori de que, em uma situação de guerra em que a vida humana está em perigo, é proibido derrubar uma árvore frutífera; sob condições normais, a ideia de destruir qualquer coisa que forneça sustento é ainda maior. O Talmud estende essa ideia a qualquer destruição, desperdício, poluição e até a ostentação e a indulgência.

Hoje, no entanto, é precisamente um estilo de vida exagerado e esbanjador que está realmente ameaçando as árvores, as próprias florestas tropicais. Como resultado, as comunidades que vivem em torno das florestas tropicais, além do mundo como um todo, estão em perigo.

Esse elo entre nossa conduta moral e o meio ambiente, destacado no capítulo vinte e seis do Levítico, pode ser visto hoje mais do que nunca. A avareza humana, arrogância desenfreada, insensibilidade e falta de responsabilidade para com os outros e com o meio ambiente poluíram e destruíram muitos de nossos recursos naturais, interferiram no clima como um todo, pondo em risco nossas florestas, chuvas e colheitas; ameaçando comunidades indígenas, exacerbando conflitos e guerras e ameaçando o próprio futuro da vida consciente no planeta.

Como afirma o sermão acima, somos nós que temos a responsabilidade de cuidar das árvores, das florestas e do meio ambiente - não há outro que conserte isso.

A situação das florestas tropicais do mundo não é apenas paradigmática desse desafio, é fundamental para evitar desastres globais. Ao preservar o bem-estar das árvores e reverter a tendência destrutiva, podemos ajudar a garantir o bem-estar das comunidades e nosso meio ambiente para a posteridade do nosso planeta, que somos obrigados a preservar e sustentar.



וְתוֹצֵא הָאָרֶץ דָּשָׁא עֵשֶׂב.
מִזְרִיעַ זֶרַע לְמִינֵהוּ וְעֵץ
עֹשֶׂה פֶּרִי אֲשֶׁר
זָרְעוּבוּ לְמִינֵהוּ
"וַיֵּרָא אֱלֹהִים כִּי טוֹב

Bereishit - Genesis - Chapter 1:12

UMA PERSPECTIVA XINTOÍSTA

Professor Minoru Sonoda; ; Membro do Conselho, RfP Japan; Sumo Sacerdote, Grande Santuário de Chichibu; Professor Honorário da Universidade de Kyoto



Atualmente, existem cerca de 80.000 santuários xintoístas no Japão, cada um dedicado à divindade guardiã (kami) de cada comunidade respectiva. Os moradores locais observam rituais de seus respectivos santuários, legalmente designados como corporações religiosas. Quase todos esses santuários mantêm florestas em seus arredores. As florestas, conhecidas como chinju-no-mori ou as florestas sagradas dos santuários das aldeias, são cuidadosamente mantidas pelos moradores locais. Isso ocorre porque, desde os tempos antigos, o povo japonês acreditava que as divindades habitam florestas profundas e verdejantes.

Desde os tempos antigos, os habitantes do arquipélago japonês cultivam e preservam florestas com cuidados especiais. Na mitologia xintoísta japonesa, há histórias de plantio de árvores. Por exemplo, uma das divindades poderosas, conhecida como Susanowo, transformou seu próprio cabelo e barba em árvores; ele também disse a seus filhos divinos para plantar árvores em todo o país.

É a crença de que todas as coisas - vivas e não vivas - têm vida espiritual.

Assim, os santuários xintoístas representam a cultura religiosa inerente japonesa, e suas florestas sagradas simbolizam as abundantes bênçãos naturais das montanhas, rios e mar. Sob o pretexto do humanismo, começamos a explorar várias formas de vida e outros objetos naturais da Terra, considerando-os como meros materiais e um meio de satisfazer nosso desejo. Essa atitude, no entanto, levou a séria destruição ambiental. Em consideração à atual crise ambiental, não posso deixar de acreditar que é missão dos líderes religiosos lembrar as pessoas da existência do lado espiritual de todas as coisas no universo e inspirar as pessoas a proteger o ambiente natural que fornece habitats para os ecossistemas diversos, de modo a garantir a coexistência de todos os seres vivos.

É a crença de que todas as coisas—vivas e não vivas—têm vida espiritual.

UMA PERSPECTIVA SIKH

Bhai Sahib Mohinder Singh Ahluwalia

Este ano marca 550 anos desde a fundação da dharam, ou fé, sikh por Guru Nanak Dev Ji. Isso fornece um impulso para os sikhs olharem de novo para sua herança, que liga o florescimento espiritual de cada pessoa ao nosso florescimento social e ambiental coletivo. Como cidadãos do planeta e praticantes da fé sikh, devemos estar cientes de que a própria humanidade chegou a um momento crítico da história. Desde a Segunda Guerra Mundial, as florestas tropicais do planeta, que sustentaram majestosamente os ecossistemas da Terra por



tantos milhões de anos, foram reduzidas à metade. Ao encerrar uma guerra mundial, desencadeamos uma guerra global implacável contra a natureza e permitimos a destruição de sua rede de vida minuciosamente intrincada.

O desmatamento agora representa uma das ameaças mais perigosas ao nosso planeta. Nosso conhecimento científico sobre esse assunto é claro. A campanha ambiental agora é mais do que um movimento marginal e está influenciando a mudança de políticas. No entanto, além da nossa consciência técnica e construção de soluções seculares, permanece a questão de como podemos mobilizar a mudança interna de engrenagem necessária para promover uma cultura compartilhada de uso dos recursos da Terra com respeito e reverência. Nisso, as tradições religiosas do mundo e as comunidades indígenas fornecem iluminação, inspiração e direção vitais. Existe um escopo inexplorado para que eles também se afastem das margens para serem melhor reconhecidos e incluídos como uma voz positiva e força para a mudança.

Dharam é a palavra indígena que os sikhs usam para “fé”. Ao contrário da “fé”, ela não separa os “religiosos” dos “seculares”. Em vez disso, reflete uma abordagem holística de viver todos os aspectos de nossas vidas—pessoalmente, local e globalmente—de uma maneira guiada pela sabedoria e pelas virtudes espirituais. Essa abordagem baseia-se em ver Deus morando na própria criação e na natureza penetrante, de modo que todos os aspectos da criação sejam vistos como interconectados e interdependentes, ligados à presença divina de Deus:

“Aaape bhaar atthaareh banaspat, aape hi phal laae... Jan Nanak vadiaaee aakhai har karte kee, jis no til na tamaae.”

“O Criador permeia a intrincada diversidade da natureza e a faz frutificar... Guru Nanak fala com admiração à magnificência de Deus—o Criador que não tem nenhuma ganância.” (Sri Guru Granth Sahib Ji, p. 554.)

Na oração da manhã de abertura sikh, a Terra, girando no cosmos, é vista como um dharamsal, um local sagrado de adoração. A oração termina descrevendo a Terra como nossa ‘Grande Mãe’ (Mata dharat mahat). Isso significa que devemos tratar o planeta com reverência amorosa. Além disso, como a alma, como somos informados, pode passar por um continuum de 8,4 milhões de formas de vida em sua jornada de transmigração, os ensinamentos sikh nos encorajam a sentir um parentesco subjacente com o mundo não humano:

“Kai janam saakh kar upaaya, lakh chauraasee joan parmaay.”

*“Oh, alma, enquanto você vagava pelas 8,4 milhões de formas de vida, lembre-se de que em algumas existências, você pode ter ficado como uma árvore ou planta, cultivando galhos e folhas.”
(Sri Guru Granth Sahib Ji, p. 554)*

Também somos encorajados a reconhecer as capacidades e responsabilidades abençoadas aos seres humanos, que gozam do privilégio de ter os recursos da Terra à sua disposição. Com esse status de honra, vem a responsabilidade de aprender a viver ‘à imagem de Deus’, fortalecendo virtudes interiores e superando vícios interiores. De fato, entende-se que a chegada de Guru Nanak ao mundo veio de um grito, ou pukaar, do mundo carregado pelo peso do egoísmo, ganância e exploração humana. Onde não há ganância, como sugere a primeira citação acima, há bem-estar e abundância.

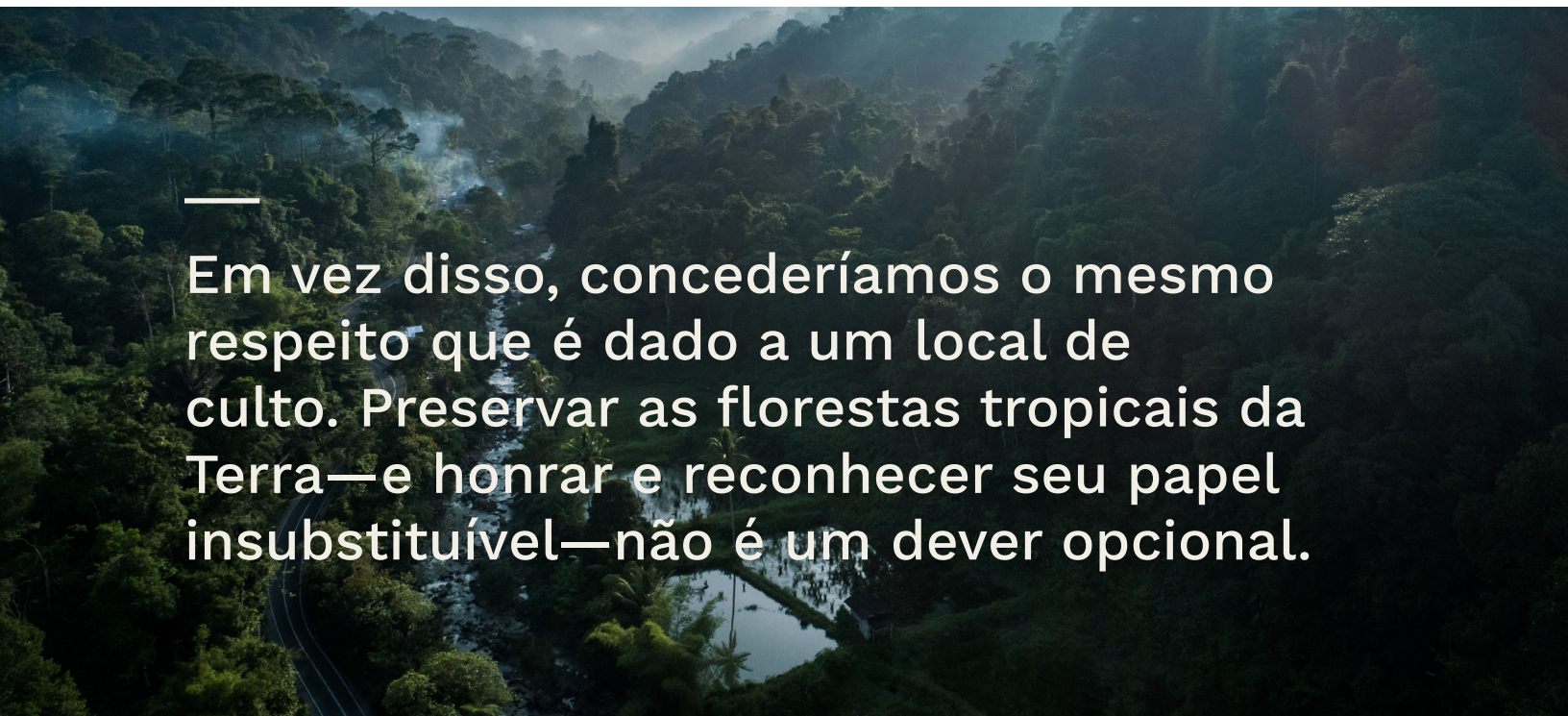
Ao contemplarmos a ameaça que paira sobre as florestas tropicais e recordarmos os ensinamentos das escrituras líricas sikh, somos lembrados das imagens de vegetação que se repetem nos versos sagrados. Como seres humanos, podemos responder com mais sinceridade a essas mensagens, que nos despertam para ver a presença onipresente de Deus no mundo e nos inspiram a honrar toda a natureza:

“Ban tin parbat hai paarbraham, jaisee aagya tesa karam.”

“Deus é onipresente na flora, montanhas e florestas; nesta magnífica peça divina, tudo age de acordo com seu papel divinamente ordenado.” (Sri Guru Granth Sahib Ji, p. 293.)

Ao ver a própria Terra como um espaço sagrado inspirador, não a violaríamos irreverentemente. Em vez disso, concederíamos o mesmo respeito que é dado a um local de culto. Preservar as florestas tropicais da Terra - e honrar e reconhecer seu papel insubstituível - não é um dever opcional. Ao ver isso como uma responsabilidade religiosa e também secular, podemos desbloquear nossas próprias reservas internas de amor e devoção, para que elas possam fluir e energizar nossas iniciativas e esforços críticos necessários para proteger e salvar as florestas tropicais sagradas.

Em vez disso, concederíamos o mesmo respeito que é dado a um local de culto. Preservar as florestas tropicais da Terra—e honrar e reconhecer seu papel insubstituível—não é um dever opcional.



CAPÍTULO 3

COMO AS COMUNIDADES RELIGIOSAS PODEM SE ENGAJAR

O PAPEL DOS CRENTES RELIGIOSOS

Todo setor da sociedade tem um papel a desempenhar na proteção de nossas magníficas florestas tropicais. Isso é particularmente verdadeiro porque os esforços atuais de governos e empresas ficam aquém do necessário e a destruição das florestas continua em um ritmo inaceitável. Ao considerar o papel que praticantes e comunidades religiosas podem desempenhar, é importante reconhecer que o fim do desmatamento é viável e acessível. Sabemos o que é necessário e os argumentos econômicos, ambientais e de justiça social para proteger as florestas estão mais claros do que nunca. Agora, tudo se resume a unir todos os segmentos da sociedade por apoiar a chamada por ações concretas e corajosas, e altos níveis de ambição em torno de metas nacionais e internacionais de proteção florestal e ação climática.

Aqui praticantes e comunidades religiosas têm um papel único a desempenhar. Podemos elevar a questão do fim do desmatamento tropical ao nível de um imperativo moral urgente e de alta prioridade espiritual. O argumento ético para cuidar do planeta está profundamente enraizado em todas as tradições religiosas do mundo, e agora é o momento de revigorar e mobilizar nossos respectivos recursos espirituais, nossa influência e nossa autoridade moral para defender coletivamente que as florestas tropicais são bens sagrados e que o desmatamento tropical é uma questão de santidade da vida: está errado e precisa parar.

Os fiéis religiosos e as comunidades espirituais podem se envolver na proteção das florestas tropicais e no apoio aos povos indígenas de várias maneiras, desde escolhas pessoais e ações comunitárias religiosas até educação, defesa econômica e iniciativas políticas coordenadas.

ESCOLHAS PESSOAIS

Embora as escolhas pessoais por si só sejam insuficientes para enfrentar os desafios sistêmicos, políticos e institucionais do desmatamento, cada indivíduo tem a responsabilidade de fazer escolhas informadas sobre como nossos padrões de consumo estão ligados ao desmatamento. Cada um de nós pode dar um exemplo positivo em nossas vidas pessoais em relação aos alimentos que ingerimos e outras opções de consumo, que juntos podem criar os tipos de virtudes sociais que mudarão os valores para acabar com o desmatamento. As virtudes podem ser contagiosas, e os bons hábitos de uma pessoa podem levar à sua adoção por outra. Comunidades religiosas são incubadoras de virtude; nosso exemplo pode abrir caminho para uma maior sensibilidade ecológica.

As pessoas de fé podem honrar o planeta e as florestas tomando decisões conscientes e informadas que sinalizam uma conscientização de onde seus bens de consumo são adquiridos e quem os produz. Quando os crentes religiosos compram um bem ou serviço, eles devem avaliar as implicações sociais e ambientais dessa compra no que se refere às florestas.

Carne bovina, soja, óleo de palma e papel e celulose são juntamente responsáveis por uma grande parte do desmatamento globalmente. Uma mudança em direção a uma dieta baseada em vegetais e a ingestão de menos carne, principalmente carne bovina, é uma das escolhas pessoais mais poderosas que qualquer indivíduo pode fazer em solidariedade às florestas tropicais. De fato, a criação de animais é notavelmente intensiva em terras: o fornecimento de carne a uma população global requer dois terços das terras agrícolas do mundo, incluindo pastagens e terras cultiváveis para alimentação. Esta extensa área é frequentemente retirada de florestas. Na Amazônia, 62% das terras desmatadas são dedicadas à criação de animais e fazendas de gado. Como a carne exige muita terra para ser produzida, eliminar ou reduzir a carne da dieta de alguém tem um impacto fortemente positivo na redução do desmatamento. Essa grande recompensa também significa que recuar um pouco nos produtos de origem animal - por exemplo, evitando a carne bovina ou eliminando a carne duas vezes por semana - pode ter um grande impacto. O World Resources Institute oferece um Scorecard de proteínas que ajuda a ilustrar os ganhos de comer menos na cadeia alimentar.³

Como bônus, reduzir o consumo de carne reduz a pressão sobre uma variedade de recursos agrícolas além das terras florestais. Uso da água, produção de fertilizantes e emissões de gases de efeito estufa que impulsionam a mudança climática—cada uma delas diminui substancialmente para cada quilo de carne, queijo e ovos abdicado. A economia de recursos pode ser significativa: o gado é responsável por 14% das emissões de gases de efeito estufa em todo o mundo, aproximadamente as emissões do setor de transportes.⁴ Assim, quem reduz a ingestão de carne pode contar com um impacto saudável no meio ambiente.

As florestas também podem ser protegidas com a redução do desperdício de alimentos. Todo prato desperdiçado de carne ou outro alimento representa um desperdício da terra que o produziu e um desperdício de fertilizantes, água e outros insumos. No entanto, estima-se que um terço dos alimentos cultivados em todo o mundo é desperdiçado, representando uma perda colossal de recursos e uso desnecessário da terra, incluindo terras florestadas.⁵ Portanto, a redução do desperdício de alimentos pode ser uma grande ajuda para reduzir a pressão para o desmatamento. As estratégias para reduzir o desperdício são simples, incluindo o planejamento de compras para evitar compras excessivas, aferição do tamanho das porções com precisão e o melhor uso das sobras.⁶ Para pessoas religiosas em particular, que há muito cultivam uma ética de gratidão por comida, rejeitar instintivamente o desperdício de alimentos e desenvolver fortes hábitos de gestão alimentar é um pequeno passo.

Assim como o caso da alimentação, os crentes religiosos podem fazer escolhas informadas ao consumir produtos de papel e madeira. Os consumidores podem procurar produtos fabricados por empresas comprometidas com o desmatamento zero e garantir que, no início e no final de suas cadeias de produção, não exista atividade que afete negativamente as florestas. Isso significa escolher papel, madeira e outros produtos feitos com materiais 100% pós-consumo e optar por produtos de madeira virgem certificados por autoridades respeitáveis, como o Forest Stewardship Council.



ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE RELIGIOSA

Os praticantes religiosos também podem ajudar a combater o desmatamento trabalhando com e através de suas próprias instituições religiosas. Mais de 85% das pessoas no mundo têm uma afiliação religiosa, tornando o público religioso uma força formidável para mudanças sociais e ambientais positivas quando elas e suas instituições buscam um objetivo comum. Instituições religiosas e locais de culto podem incorporar florestas nas atividades e práticas religiosas comunitárias existentes, como liturgias, grandes reuniões de oração ou celebrações em torno de festivais, festas ou comemorações. Por exemplo, as comunidades que enfatizam o jejum podem incluir uma noção de “jejum pela floresta”. As comunidades que enfatizam a peregrinação podem incentivar “peregrinações pela floresta”. E as comunidades podem reservar períodos específicos para orar pelas florestas.

Um bom exemplo de envolvimento espiritual no combate ao desmatamento é a “ordenação” de árvores por monges budistas em alguns países asiáticos. Em áreas onde as florestas são ameaçadas pela atividade de desenvolvimento—por exemplo, no Camboja, onde a construção de barragens ameaçava uma grande área de floresta—os monges realizam rituais de ordenação, geralmente na maior árvore de um bosque, para dar à floresta um caráter sagrado e protegê-lo.⁷ Os bosques sagrados da Índia, Japão e Tailândia cumprem funções semelhantes, geralmente como uma maneira de retardar ou frear os planos de desenvolvimento prejudiciais. Em cada caso, o ritual, uma das fontes menos tangíveis de poder religioso, tem sido usado para parar os tratores.

Comunidades religiosas, congregações, universidades, escolas e locais de culto também podem combater o desmatamento, protegendo as árvores em terras de propriedade religiosa. Isso pode envolver a declaração de florestas protegidas, a proibição de desmatamento ou a caça de animais silvestres ou a restauração de terras degradadas. Muitas dessas práticas foram adotadas por

hindus na Índia, cristãos na África, budistas na Tailândia e seguidores do xintoísmo no Japão. Como os locais de culto são pontos de encontro da comunidade, eles podem ajudar a estabelecer normas em torno do respeito e proteção das florestas e da biodiversidade.

Considere as práticas de conservação religiosa na Etiópia, onde a área florestal agora cobre apenas 4% do país, ante 45% de décadas atrás.⁸ A Igreja Ortodoxa Etíope, uma denominação cristã que segue sua linhagem até o primeiro século, é creditada por salvar muitas das árvores que permanecem. Suas igrejas plantaram mais de 1000 “florestas sagradas”, cada uma com uma média de alguns campos de futebol em torno de suas muitas igrejas.⁹ As florestas são vistas como as “roupas” das igrejas, servindo como centros comunitários, locais de reunião, escolas, e cemitérios, além de proporcionar sombra para as pessoas e habitat para muitas espécies.¹⁰ As igrejas protegem as florestas sagradas há 1000 anos. Um estudioso, observando que quase um terço da população da Etiópia louva nessas igrejas, vê uma clara conexão entre conservação e o mundo espiritual. “Para os cientistas, é importante considerar que as crenças religiosas costumam ser vias acessíveis e eficazes para inspirar a conservação local.”¹¹

AÇÃO ECONÔMICA

A conversão de terras para a agricultura, certas indústrias extrativas—mineração, extração comercial de madeira, exploração de petróleo e gás—e projetos de infraestrutura como barragens e estradas são alguns dos principais impulsionadores do desmatamento. Os líderes e instituições religiosas têm um papel importante a desempenhar, afetando mudanças e reformas na maneira como esses negócios e projetos de desenvolvimento operam e podem transmitir aos crentes religiosos que toda decisão econômica constitui uma decisão moral. Empresas e investidores que trabalham em paisagens florestais e que dependem das florestas para seus produtos têm uma responsabilidade pelo cuidado social e ambiental que pode e deve ser guiada pelas comunidades religiosas do mundo. Os movimentos de investidores motivados por pessoas de fé podem exercer pressão dos acionistas sobre as empresas, insistindo que elas adotem práticas sustentáveis e respeitem as florestas. As corporações dirigidas por pessoas com convicções religiosas precisam ouvir de líderes religiosos e locais de culto que o desmatamento mina a sacralidade da criação, e que práticas comerciais que destroem florestas e biodiversidade e que desconsideram os direitos dos povos indígenas e comunidades florestais estão violando os princípios de sua fé.

Parte disso é uma função educacional, para que os religiosos compreendam e internalizem que o desmatamento é ruim para as economias e ruim para os negócios a longo prazo. Há uma narrativa generalizada e perigosa em muitos dos principais países florestais de que as comunidades e organizações que defendem a proteção florestal estão necessariamente em desacordo com a criação de empregos e o desenvolvimento econômico. Mas os líderes religiosos podem estar na vanguarda de desmembrar esse mito e pressionar por um modelo de desenvolvimento verde que valorize florestas existentes, proteção da vida silvestre, justiça social e crescimento econômico sustentável. As florestas fornecem serviços ecossistêmicos inestimáveis e frequentemente subestimados, incluindo água doce, estabilização climática, segurança alimentar, plantas medicinais e bens que são a base de meios de vida sustentáveis.

Como consumidores individuais, as empresas podem procurar garantir que consumam materiais cuja produção não ponha em risco as florestas. Mas esta avaliação é mais complicada porque as empresas devem levar em consideração os impactos do desmatamento ao longo de toda a cadeia de produção. As empresas que vendem commodities como madeira, carne bovina, soja, óleo de palma e papel têm uma obrigação moral de garantir que elas sejam produzidas e levadas ao mercado de uma maneira que não estimule o desmatamento e que tenha um impacto mínimo no nosso clima.

Pessoas de fé podem exercer pressão sobre as empresas para limpar suas cadeias de produção, insistindo que adotem práticas sustentáveis e respeitem o meio ambiente, e participando de ações de advocacia quando as empresas ficam aquém. Por exemplo, o Greenpeace pressionou o McDonald's a acabar com o fornecimento de soja, alimentada a galinhas na Europa para produzir McNuggets, de áreas desmatadas do Brasil.¹² Essas campanhas seriam aumentadas imensamente pelo envolvimento da fé organizada, da mesma forma que grupos religiosos fizeram décadas atrás ao pressionar a Nestlé a mudar sua política de persuadir as mães nos países em desenvolvimento a usar a fórmula para bebês em vez de amamentar.

Para ser claro, nem todas as campanhas direcionadas às práticas corporativas são bem-sucedidas. Em 2018, um grande relatório do Greenpeace documentou que 25 empresas de óleo de palma estavam envolvidas em atividades de desmatamento, apesar das promessas extensas no início da década de não continuar produzindo óleo de palma de maneira a promover o desmatamento. Essas empresas fornecem óleo de palma para mais de uma dúzia de marcas de nome—Colgate-Palmolive, General Mills, Hershey, Kellogg, Kraft Heinz, L'Oreal, Mars, Mondelez, Nestlé, PepsiCo, Reckitt Benckiser e Unilever—ilustrando como o desmatamento entra em nossas casas diariamente, mesmo depois que as empresas prometem reformar suas práticas.¹³ Por seu lado, a Rainforest Action Network publicou uma lista das principais empresas de alimentos cujo suprimento de insumos deve aumentar o desmatamento em uma campanha chamada “Snack Food 25”.

As empresas também podem ser avaliadas por seus compromissos com o “desmatamento zero”, mas esses compromissos não podem ser considerados em seu valor original. De acordo com o CDP, que acompanha o desempenho da empresa em métricas relacionadas ao clima, cerca de 450 empresas e 50 governos se comprometeram a acabar com o desmatamento até 2020, mas as empresas reconhecem que a meta não será alcançada e que suas promessas de desmatamento podem não ser estendidas além da data de validade de 2020. A falta de desempenho em uma questão tão crítica sugere que as pessoas de fé precisam tomar cuidado ao avaliar a aparente boa vontade de algumas empresas. E como seu desempenho nem sempre é claro, os grupos religiosos devem dobrar seu compromisso de acabar com o desmatamento, usando todas as ferramentas à sua disposição.

Uma dessas ferramentas adicionais são os ativos financeiros e portfólios de investimento mantidos por grupos religiosos, o que lhes confere poder substancial para moldar as políticas e práticas de negócios comerciais que operam em paisagens florestais. Existe um grande potencial para um movimento baseado na fé que incentiva o desinvestimento de indústrias que se envolvem em desmatamento e investimento em projetos de energia renovável, gestão de recursos naturais com base na comunidade e empresas sociais que beneficiam a população e as economias locais, não as empresas multinacionais e seus acionistas. Tomar a decisão moral de recusar-se a financiar atividades que destroem florestas é um caminho poderoso e eficaz para provocar mudanças. Há ampla evidência para sugerir que o desinvestimento de indústrias que danificam o planeta e uma transição para o investimento ético podem mudar o comportamento e, finalmente, incentivar outros investidores a seguir o exemplo. O movimento baseado na fé para se desfazer dos combustíveis fósseis—das empresas de petróleo, carvão e gás—fornece um exemplo instrutivo do que é possível quando as instituições religiosas se posicionam a esse respeito. O mesmo pode ser feito para acabar com o desmatamento de florestas tropicais.

De fato, o movimento para negar fundos de investimento a empresas cujas atividades levam ao desmatamento está crescendo. Em 2018, 44 grandes firmas de investimento, cujos ativos coletivos sob gestão totalizam US\$ 6,4 trilhões, alertaram as empresas de alimentos de que para se qualificarem para capital de investimento precisariam mostrar evidências de diligência para garantir que as cadeias de suprimentos das empresas não contribuam para o desmatamento.¹⁴ E em 2019, o fundo de pensão do governo da Noruega—o maior fundo de riqueza soberana do mundo—desinvestiu de várias empresas envolvidas no desenvolvimento de plantações de óleo de palma, acrescentando ao mercado sinais de que tais atividades são inaceitáveis.¹⁵ Investidores religiosos que buscam desvincular suas finanças do desmatamento podem se inspirar nesses exemplos de liderança. Para passar da inspiração para a ação, os investidores religiosos podem entrar em contato com seu próprio gerente de portfólio ou explorar o Deforestation Free Funds, um banco de dados on-line gerenciado pelas organizações ativistas Amigos da Terra e As You Sow para identificar fundos bons e prejudiciais para as florestas.¹⁶

Aqueles que decidem se desvincular de empresas envolvidas no desmatamento podem considerar canalizar seus novos fundos disponíveis para investimentos que possam promover o uso sustentável das florestas (ou, mais geralmente, energia limpa), dobrando assim o impacto curativo de seu desinvestimento. Para identificar essas oportunidades, os investidores devem consultar seu gerente de portfólio ou qualquer um dos vários recursos online. A Rede de Investimento de Impacto Global (GIIN) possui um banco de dados pesquisável de mais de 400 fundos de investimento de impacto conhecidos como Base de Impacto, muitos dos quais são focados em energia limpa.¹⁷ Também está disponível o Toniic Directory, uma lista de mais de 1.500 investimentos de impacto pesquisável por categorias de impacto, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, temas de impacto e geografia.¹⁸ E para aqueles que precisam de ajuda para reorientar seus portfólios para impulsionar a atividade econômica sustentável, a Green America oferece uma gama

de opções no campo de planejadores financeiros, fundos mútuos, empresas de gestão de ativos, fundos de investimento negociados na Bolsa de Valores e certificados de depósito.¹⁹ Esses recursos são excelentes portas de entrada para encontrar opções de investimento de impacto. O duplo impacto do desinvestimento/investimento permite que as pessoas de fé mantenham sua riqueza poderosamente em favor da saúde das florestas e do clima.

EDUCAÇÃO

Os líderes religiosos, incluindo leigos, estão frequentemente entre as figuras mais confiáveis de qualquer sociedade, procurados para fornecerem orientações éticas e espirituais na vida econômica, social e política. Eles também são professores e condutores de educação, conscientização e aprendizado. Isso inclui eco-teólogos e especialistas em ética ambiental em faculdades e seminários. Esses professores são atores-chave no esforço de conscientizar sobre a crise do desmatamento, os riscos que o desmatamento representa para o progresso nas mudanças climáticas, desenvolvimento sustentável e saúde global e os pontos de entrada para as pessoas de fé que lutam pela proteção das florestas. Da mesma maneira, dado seu papel de curadores da moralidade e da virtude, as instituições religiosas e os locais de culto podem estar na vanguarda da educação ecológica. O cuidado com o planeta e o argumento moral para proteger as florestas tropicais podem se tornar uma parte vital do currículo em igrejas, mesquitas, sinagogas e templos.

Uma das melhores maneiras de os líderes religiosos agirem na proteção das florestas é usar sua influência e autoridade para transmitir informações e recursos sobre a crise de desmatamento àqueles em sua congregação. Este é um chamado espiritual da mais alta ordem. Programas educacionais formais ou informais sobre florestas tropicais, mudanças climáticas e os direitos dos povos indígenas podem ser instituídos em locais de culto, centros de treinamento teológico e escolas afiliadas. Dessa maneira, torna-se possível que os ensinamentos sobre a importância das florestas tropicais—e a necessidade urgente de protegê-las—sejam transmitidos através de cada tradição religiosa e se tornem amplamente conhecidos, disseminados e compreendidos pelos crentes religiosos. Existem muitos recursos educacionais sobre o tema florestas, biodiversidade, mudanças climáticas e saúde. Este Guia de Recursos e outras ferramentas educacionais desenvolvidas pela Iniciativa Inter-Religiosa pelas Florestas Tropicais podem ser um ponto de partida para os currículos teológicos sobre esse assunto.

Algumas das lições mais poderosas a serem tiradas das florestas não são o aprendizado intelectual sobre as taxas de perda de florestas e o número de povos nativos deslocados (por mais importantes que sejam), mas o aprendizado do coração que ensina a valorizar as florestas em sua plenitude espiritual. As atitudes em relação a florestas e árvores poderiam ser marcadamente alteradas para o público ocidental se as florestas fossem vistas principalmente como um presente, e não como recursos. As tradições indígenas têm muito a ensinar nesse sentido. Considere o povo



Tlingit do Alasca, que usa a casca de árvores para fazer roupas. Eles veem a casca com um senso de reverência: antes de retirá-la, fazem uma oração de agradecimento aos espíritos das árvores e prometem usar apenas o que precisam. Gratidão e suficiência são conceitos familiares para pessoas de muitas religiões; não é demais imaginar aplicar essas atitudes amplamente em nosso uso de papel, madeira e outros produtos florestais. Essa mudança pode ser transformacional. O consumo casual que caracteriza as economias de mercado pode mudar para um estado de reverência e cuidado, com impactos salutares nas florestas em todo o mundo.

Várias tradições religiosas inculcam um senso de apreciação das florestas, trazendo sacralidade à sua abordagem às árvores. Os hindus costumam acender uma lâmpada ou colocar uma planta de manjerição sagrado em frente a várias árvores sagradas.²⁰ Outras tradições asiáticas, como observado anteriormente, são explícitas sobre dar às árvores e florestas um status sagrado, especialmente em locais de culto. Tais práticas podem ser adotadas mais amplamente. Orações e meditações centradas na natureza também podem ser encontradas nas tradições ocidentais, como a tradição cabalística do judaísmo, as tradições franciscanas do cristianismo e as tradições sufis do Islã. De uma perspectiva cristã e judaica, a educação sobre florestas pode começar com uma revisão do documento “Preservação do nosso patrimônio florestal: uma declaração sobre conservação florestal para o século XXI”, apresentado pela Campanha Fé pelas Florestas.²¹

AÇÃO POLÍTICA

O combate ao desmatamento se resume a mobilizar vontade política suficiente. Até agora, globalmente e nos principais países das florestas tropicais, a aplicação de leis e políticas em torno da proteção florestal tem sido amplamente insuficiente para impedir a destruição. Crentes religiosos, líderes e locais de culto podem ajudar a influenciar o debate público e as políticas públicas sobre florestas e os direitos dos povos indígenas, tornando-os questões morais que exigem uma resposta moral dos funcionários eleitos. Interromper e reverter o desmatamento exigirá o cultivo de novas virtudes públicas e uma mudança de valores e a maneira como nós, como família humana, entendemos e manejamos as florestas. Modelos desatualizados de consumo e desenvolvimento precisam ser substituídos por uma ética de preocupação e cuidado com o nosso lar comum, que se baseia na disposição de trabalhar em parceria com atores de todos os segmentos da sociedade, incluindo povos indígenas e comunidades florestais.

A mobilização da vontade política para enfrentar os propulsores do desmatamento requer advocacia política de líderes religiosos, instituições e locais de culto. Muitos líderes religiosos possuem um poder singular para pressionar os governos nos níveis local, regional, nacional e global e outros órgãos de tomada de decisão que determinam as políticas e práticas que governam as florestas e os direitos de seus responsáveis. A incidência política pode assumir várias formas, variando de diplomacia silenciosa e reuniões nos bastidores a declarações públicas, campanhas, petições e demonstrações sobre a responsabilidade moral e espiritual de proteger as florestas. Para ser eficaz, a coordenação entre os setores é crítica, para garantir que a defesa de fiéis religiosos esteja reforçando e avançando os esforços já em andamento pela coalizão mais ampla de povos indígenas, ONGs, organizações multilaterais e ativistas de base que trabalham no combate ao desmatamento.

Grupos religiosos fariam bem em gerar apoio para os seis “objetivos globais da floresta” das Nações Unidas, uma das quais é reverter as perdas florestais e alcançar um aumento de 3% na cobertura florestal até 2030.²² Os objetivos também abrangem a erradicação da pobreza extrema nas áreas florestais, aumentando as áreas protegidas florestais em todo o mundo e adotando iniciativas de governança para harmonizar as políticas florestais e aumentar sua eficácia. Os vários objetivos e metas são consistentes com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, o Acordo de Paris sobre mudanças climáticas e outros acordos internacionais de interesse de muitos grupos religiosos. Como os objetivos são voluntários para todos os estados membros da ONU, os grupos religiosos podem desempenhar um papel útil gerando o apoio político interno necessário para incentivar os governos dos estados membros a cumprirem o acordo.²³

No nível nacional, a defesa de líderes e organizações religiosas deve se concentrar na adoção de novas leis e metas em torno da proteção das florestas e dos direitos dos povos indígenas, mas também em defender e fazer cumprir as leis e estruturas de políticas existentes. Em muitos países de floresta tropical, já existem leis e políticas para proteger florestas e os direitos das comunidades florestais, mas exigem aplicação, regulamentação e incentivos financeiros adequados. Combater a corrupção é essencial para impedir a extração ilegal de madeira e o desenvolvimento do crime organizado. Os líderes e as comunidades religiosas têm o papel de responsabilizar os líderes políticos por compromissos firmados e incentivar maior ambição para novos compromissos ao longo do tempo.

Isso é especialmente verdadeiro quando os países reabrem e reconstróem suas economias após a pandemia da COVID-19. Como os líderes políticos decidem estimular a economia em resposta à crise da COVID-19 determinará se ampliamos ou mitigamos as condições ambientais por trás da pandemia. Se esses “pacotes de recuperação” relaxarem as leis ambientais e promoverem a retomada das práticas atuais inalteradas, as condições da floresta continuarão se deteriorando. Em vez disso, esses planos de estímulo devem ser projetados com fortes incentivos para que as indústrias passem a adotar práticas sustentáveis de baixa emissão de carbono, redirecionando subsídios prejudiciais sempre que possível. Os líderes religiosos e suas comunidades podem pedir aos formuladores de políticas que tenham a coragem de tornar seus pacotes econômicos em verdadeiros “planos de recuperação” transformadores que investem nas pessoas e na natureza, em vez de repetir padrões insustentáveis.

Nos países mais ricos, os crentes e instituições religiosas também devem defender a solidariedade global com seus irmãos e irmãs nos países das florestas tropicais, instando seus governos a participarem dos chamados modelos de “pagamento por serviços ecossistêmicos”, como REDD+ (*Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação*). Eles também podem trabalhar para garantir que, quando empreenderem novos projetos de desenvolvimento, seus governos cumpram o princípio do *Consentimento Livre, Prévio e Informado* (CLPI), segundo o qual os povos indígenas e as comunidades florestais que serão impactadas pelo projeto devem dar seu consentimento antes do o projeto pode prosseguir. Isso não é ajuda e não é caridade—é uma obrigação moral e um dever de justiça proteger a confiança sagrada das florestas tropicais.

A proteção das florestas também exige a proteção dos direitos dos povos indígenas que vivem nelas há séculos e até milênios. Essa proteção ajuda a respeitar a dignidade inerente aos povos indígenas, mas também carrega uma importância pragmática, porque o conhecimento das florestas pelos povos indígenas é inestimável para a proteção das florestas. Estudos mostram que, quando os direitos indígenas são protegidos e os povos indígenas têm controle sobre as florestas, as áreas florestais têm muito mais probabilidade de prosperar.

Os Seis Objetivos Globais da Floresta

Em abril de 2017, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou o Plano Estratégico das Nações Unidas para as Florestas 2030, que fornece uma estrutura global para ações em todos os níveis no sentido de gerir de forma sustentável todos os tipos de florestas, e para combater o desmatamento e a degradação florestal. No coração do Plano Estratégico estão seis Objetivos Florestais Globais.

- Objetivo 1** Reverter as perdas florestais em todo o mundo através do manejo sustentável incluindo proteção, restauração, reflorestamento e aumento de esforços para evitar a degradação florestal além de contribuir para o esforço global contra as mudanças climáticas.
- Objetivo 2** Reforçar os benefícios socioeconômicos e ambientais baseados na floresta incluindo a melhoria da subsistência das pessoas que dependem das florestas.
- Objetivo 3** Aumentar substancialmente as áreas de proteção florestal em todo o mundo e outras áreas de manejo sustentável das florestas, assim como a proporção de produtos florestais oriundos do manejo sustentáveis.
- Objetivo 4** Mobilizar aumento de recursos financeiros, novos e adicionais, de todas as fontes para a implementação do manejo sustentável de florestas e fortalecer a cooperação técnico-científica e parcerias.
- Objetivo 5** Promover a governança de plataformas para implementar o manejo sustentável incluindo o Instrumento da ONU sobre Florestas, e aumentar a contribuição das florestas para a Agenda 2030.
- Objetivo 6** Melhorar a cooperação, coordenação, coerência e sinergias sobre temas relacionados a florestas em todos os níveis incluindo dentro do Sistema ONU e através da Parceria de Colaboração sobre Florestas por organizações-membros, bem como em setores interessados.



COLABORAÇÃO MULTIRRELIGIOSA

Os ganhos do uso de recursos religiosos na luta contra o desmatamento são multiplicados quando as religiões do mundo estão juntas. Esse tipo de cooperação pode ser mais poderoso - simbólica e substantivamente - do que a ação unilateral de grupos religiosos individuais. Cada tradição religiosa tem sabedoria, experiência e recursos para contribuir. Por meio de parcerias multirreligiosas, esses dons distintivos podem se complementar para que o todo seja maior que a soma das partes. Quando as comunidades religiosas demonstram a capacidade de trabalhar em conjunto, elas criam credibilidade e confiança entre a população em geral. Quando falam com uma só voz sobre questões como mudanças climáticas e proteção da floresta tropical, sua autoridade moral é ampliada. E eles têm uma maior capacidade de influenciar políticas, através de sua influência sobre indivíduos e instituições.

A colaboração multirreligiosa também traz ganhos internos. Promove a coesão social, criando diálogo e ação entre diversos grupos e pessoas, unindo-os em torno de uma prioridade compartilhada. Promove a abertura e o entendimento entre esses diversos grupos e pessoas - e isso, por sua vez, cria as bases para a paz, uma sociedade próspera e o bem-estar compartilhado. Em um mundo de iminentes desafios em larga escala, a experiência de colaboração entre diversos grupos religiosos e espirituais pode ser inestimável em uma ampla gama de questões que enfrentaremos nas próximas décadas.



NOTAS DO CAPÍTULO 3

- 1 Cálculo baseado em dados do banco de dados da FAO, FAOSTAT, usando valores para terras cultivadas e prados e pastagens permanentes, <http://www.fao.org/faostat/en/#home>, acessado em 12 de julho de 2019.
- 2 Yale School of Forestry, “Land Use and Agriculture in the Amazon,” Global Forest Atlas, <https://globalforestatlas.yale.edu/amazon/land-use>, visualizado em 12 de julho de 2019.
- 3 Richard Waite e Brian Lipinski, “Two Rules of Thumb to Slash the Environmental Impact of Your Diet,” site do World Resources Institute, 16 de outubro de 2017, vista 12 de julho de 2019.
- 4 Gerber, P.J., Steinfeld, H., Henderson, B., Mottet, A., Opio, C., Dijkman, J., Falcucci, A. & Tempio, G. 2013. Tackling climate change through livestock – A global assessment of emissions and mitigation opportunities. Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Roma.
- 5 Brian Lipinski, Craig Hanson, Richard Waite, Tim Searchinger, James Lomax e Lisa Kitinoja, “Reducing Food Loss and Waste,” site do WRI <https://www.wri.org/publication/reducing-food-loss-and-waste>, visualizado em 12 de julho de 2019.
- 6 Richard Waite e Brian Lipinski, “Two Rules of Thumb to Slash the Environmental Impact of Your Diet,” site do World Resources Institute, 16 de outubro de 2017, vista 12 de julho de 2019.
- 7 Radio Free Asia, “Monks Hold Ceremony to Protect Cambodian Forest,” 22 de fevereiro de 2019, em <https://www.youtube.com/watch?v=aX8lFlmkWFI>, viewed 15 July 2019, and “A Threat to Cambodia’s Sacred Forests” New York Times Op-Doc 29 July 2014 at <https://www.youtube.com/watch?v=DSpHq4D4tRQ>, visualizado em 16 de julho de 2019..
- 8 Sarah Hewitt, “The Sacred Forests of Northern Ethiopia,” 21 de maio de 2019, em <http://www.bbc.com/travel/story/20190520-the-sacred-forests-of-northern-ethiopia>, em 14 de julho de 2019.
- 9 Sarah Hewitt, “The Sacred Forests of Northern Ethiopia,” 21 de maio de 2019, em <http://www.bbc.com/travel/story/20190520-the-sacred-forests-of-northern-ethiopia>, em 14 de julho de 2019.
- 10 Sarah Hewitt, “The Sacred Forests of Northern Ethiopia,” 21 de maio de 2019, em <http://www.bbc.com/travel/story/20190520-the-sacred-forests-of-northern-ethiopia>, em 14 de julho de 2019.
- 11 California Academy of Sciences, “Scientists suggest a “spiritual metric” for protecting global forests,” em <https://www.calacademy.org/press/releases/scientists-suggest-a-%E2%80%9Cspiritual-metric%E2%80%9D-for-protecting-global-forests>, visualizado em 16 de julho de 2019.
- 12 Rolf Skar, “Chicken Nuggets and a Sea Change for Forest Protection,” <https://www.greenpeace.org/usa/chicken-nuggets-and-a-sea-change-for-forest-protection/>, visto em 15 de julho 2019.
- 13 Greenpeace International, “Final Countdown: Now or Never to Reform the Palm Oil Industry,” (Amsterdam: Greenpeace International, setembro de 2018).
- 14 Sarah George, “Big-name investors call on food industry to tackle supply chain deforestation,” em <https://www.edie.net/news/7/Big-name-investors-call-on-food-industry-to-tackle-deforestation-in-supply-chains/>, visto em 14 de julho de 2019.
- 15 Michael Taylor, “Norway’s wealth fund ditches 33 palm oil firms over deforestation,” em <https://www.reuters.com/article/us-norway-pension-palmoil/norways-wealth-fund-ditches-33-palm-oil-firms-over-deforestation-idUSKCN1QH1MR>, visualizado em 13 de julho de 2019.
- 16 “Deforestation Free Funds,” em <https://deforestationfreefunds.org/funds>, visualizado em 15 de julho de 2019.
- 17 “ImpactBase” em <https://www.impactbase.org/>, visualizado em 16 de julho de 2019.
- 18 “Toniic Directory,” em https://www.toniic.com/toniicd/#_p%7B%22page%22%3A3%2C%22perPage%22%3A100%2C%22sortBy%22%3A%22investment_name%22%2C%22sortOrder%22%3A%22ASC%22%2C%22keywords%22%3A%22%22%2C%22columnFilters%22%3A%7B%7D%2C%22searchActive%22%3Afalse%7D
- 19 “Find Fossil-Free Financial Products & Services,” página da Green America em <https://www.greenamerica.org/fight-dirty-energy-grow-clean-energy/divest-reinvest/find-fossil-free-financial-products-services>, visualizado em 13 de julho de 2019.
- 20 Margaret D. Lowman and Palatty Allesh Sinu, “Can the Spiritual Values of Forests Inspire Effective Conservation? Bioscience agosto de 2017.
- 21 The Religious Campaign for Forest Conservation, “Preserving Our Forest Heritage: A Declaration on Forest Conservation for the 21st Century,” página da RCFC http://nrccc.org/PDF/Cradle-of-Forestry_Religious-Statement_2000.pdf, visualizado 14 de julho de 2019.
- 22 Department of Economic and Social Affairs, “Global Forest Goals and Targets of the UN Strategic Plan for Forests 2030,” (New York: United Nations, 2018).
- 23 Department of Economic and Social Affairs, “Global Forest Goals and Targets of the UN Strategic Plan for Forests 2030,” (New York: United Nations, 2018).

SOBRE ESTE GUIA

Este Guia faz parte de uma série de materiais destinados a informar e inspirar as comunidades religiosas a se engajarem para ajudar a proteger as florestas tropicais e seus habitantes. Por meio de fatos, gráficos, análises e fotos, este Guia apresenta o argumento moral para conservar e restaurar os ecossistemas florestais, apoiados nas mais recentes ideias científicas e políticas. Eles reúnem as ferramentas práticas e de pesquisa que as comunidades religiosas e os líderes religiosos precisam para melhor entender a importância das florestas tropicais, advogar por sua proteção e aumentar a conscientização sobre a responsabilidade ética existente nas religiões para tomar medidas para frear o desmatamento. Nossa esperança é que este Guia de Recursos inspire e ajude a equipar líderes e comunidades religiosas a se sentarem à mesa ao lado da parceria mais ampla de defensores das florestas, trazendo nova sabedoria, insights e influência para esta questão urgente.

INICIATIVA INTER-RELIGIOSA PELAS FLORESTAS TROPICAIS

A Iniciativa Inter-Religiosa pelas Florestas Tropicais é uma aliança internacional, multi-religiosa, que visa trazer urgência moral e unir a força espiritual das religiões, aos esforços globais para acabar com o desmatamento das florestas tropicais. É uma plataforma para líderes religiosos e comunidades confessionais e de fé, trabalharem lado a lado com povos indígenas, governos, sociedade civil e empresas, em ações que protejam as florestas tropicais e salvaguardem aqueles que servem como seus guardiões. A Iniciativa acredita que chegou a hora de um movimento mundial destinado ao cuidado de florestas tropicais, baseado no valor inerente às florestas e inspirado nos valores, ética e orientação moral dos povos indígenas e das comunidades religiosas.

DÚVIDAS?

A Iniciativa Inter-Religiosa pelas Florestas Tropicais quer trabalhar com você para proteger as florestas tropicais e os direitos dos povos indígenas. Fale conosco através do e-mail info@interfaithrainforest.org.

PARCEIROS

A Iniciativa Inter-religiosa pelas Florestas Tropicais acolhe o envolvimento de todas as organizações, instituições e indivíduos de boa fé e consciência comprometidos com a proteção, restauração e manejo sustentável das florestas tropicais.



